

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

PAULA SOUSA DA FONSECA

“Eurico Gustavo de montanha de cebola”: A linguagem dos sapateiros na cidade de Passos
(MG)

Uberlândia
2023

PAULA SOUSA DA FONSECA

“Eurico Gustavo de montanha de cebola”: A linguagem dos sapateiros na cidade de Passos
(MG)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de História da Universidade Federal
de Uberlândia (INHIS/UFU) como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel e
licenciatura.

Área de concentração: História

Orientadora: Prof.^a Dra. Iara Toscano Correia

Uberlândia

2023

PAULA SOUSA DA FONSECA

“Eurico Gustavo de montanha de cebola”: A linguagem dos sapateiros na cidade de Passos
(MG)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de História da Universidade Federal
de Uberlândia (INHIS/UFU) como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel e
licenciatura.

Área de concentração: História

Uberlândia, 20 de junho de 2023

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Iara Toscano Correia (orientadora) – (INHIS/UFU)

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha (INHIS/UFU)

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira (INHIS/UFU)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente meus pais, Paulo e Rosânia, por terem criado eu e meus irmãos como pessoas críticas, autônomas e que se importam com o próximo, mostrando na prática o poder do companheirismo e a importância de lutar por um mundo melhor e mais justo. Agradeço mais ainda por terem segurado a minha mão e terem acolhido meus choros, minhas ansiedades e inseguranças sempre, por terem me dado segurança e por acreditarem em mim, principalmente quando eu não conseguia. Agradeço pela vida que me deram e principalmente por serem o meu alicerce. Chegar até aqui só foi possível pois tive eles ao meu lado.

Agradeço minhas tias, meus tios, meus primos, primas, cunhada e principalmente meus irmãos, Hugo e Bruno, pela parceria de vida, pelos momentos de descontração, de festa e de acolhimento. É sempre muito bom estar do lado de quem sabemos que nos ama, quer o nosso bem e faria de tudo para nos defender.

Agradeço meus avós que amo de todo o coração, os que já se foram, Vovô Álvaro e Vovô Divino, que tenho certeza que olham por mim de onde estão, e Vovó Lurdes e Vovó Conceição, que zelam e rezam por mim todos os dias.

Agradeço minha amiga Giovanna, pela parceria em cada passo dessa jornada acadêmica, minha duplinha de todos os trabalhos, que me ajudou a encarar toda e qualquer matéria. Agradeço por termos compartilhado nossos momentos difíceis, mas agradeço principalmente pela parceria do dia a dia, pela convivência nos momentos felizes e de distração, por poder chegar em casa depois da aula e finalmente poder relaxar e rir conversando e assistindo nossas bobagens.

Agradeço ao Ezinho, pessoa que me fez pensar a língua de sapateiro como tema de pesquisa. Agradeço por todos os momentos de troca, em cada festa, em cada encontro e por ter topado compartilhar todo o seu conhecimento comigo. Sem ele, esse trabalho não existiria. Agradeço também meus outros entrevistados, senhor Sebastião e senhor João, pela disponibilidade, por aceitarem compartilhar comigo um pouco de suas vidas e de suas experiências.

Agradeço ainda minha orientadora, Iara, que me apoiou em cada parte do processo, desde a elaboração do projeto, a tramitação nada fácil no Comitê de Ética, até agora no final, com muita paciência e dedicação. Agradeço por ter topado embarcar comigo nessa jornada desafiadora e emocionante que é a de navegar pelas memórias.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à espiritualidade, por nunca me deixar sozinha e me manter sempre amparada e ancorada nos meus propósitos.

“O passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral antes composto por inúmeras cores e partes. Buscar recompô-lo em sua integridade é tarefa impossível. Buscar compreendê-lo através da análise dos fragmentos é desafio possível de ser enfrentado.”

(DELGADO, 2003, p. 13 e 14)

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo central compreender qual a função social da linguagem de sapateiros no contexto da cidade de Passos-MG. A partir da análise de trabalhos de memorialistas da época, das entrevistas orais produzidas para essa pesquisa e de produções acadêmicas que versam sobre a história econômica, social e cultural de Passos e região, propõe-se recompor um pouco do cotidiano dessa cidade, com o intuito de refletir sobre os processos de permanências e discontinuidades que permeiam o uso da linguagem dos sapateiros no imaginário social. Compreendendo a linguagem a partir de uma concepção social enquanto prática de identidade e de recuperação de memória, busca-se identificar quem são esses sujeitos que fazem o uso da linguagem através do tempo.

Palavras-chave: Língua de sapateiro; História Local; Memória

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 01- Região do “Sertões do Jacuhy”	20
Mapa 02- Caminhos	23
Fotografia 01- Estação de Ferro Mogiana nos anos 1920	26
Fotografia 02- Vista panorâmica do centro da cidade nos anos 1950	30
Fotografia 03- Fachada do Cine Roxy nos anos 1950	31
Fotografia 04- Toninho e Sr. João na sapataria Nossa Senhora da Penha	35
Fotografia 05- Sapataria Nossa Senhora Aparecida (1945)	36
Fotografia 06- Os diplomas da sapataria Nossa Senhora da Penha.....	59

Sumário

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1- PASSOS (MG): ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS, UM ESTUDO SOBRE A ESPACIALIDADE DA LÍNGUA DE SAPATEIRO.....	18
1.1 “Sertões do Jacuhy”: ocupação e organização econômica	19
1.2 1920 – 1950: modernização e cotidiano	24
1.3 Cultura e ofício: o ambiente da língua de sapateiro	34
CAPÍTULO 2 – LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE	42
2.1 A Língua de Sapateiro.....	46
2.2 O Fim da Língua?	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca analisar a linguagem dos sapateiros, criada nas sapatarias de Passos (MG) entre as décadas de 1940 e 1950. “Eurico Gustavo de montanha de cebola”. Aparece no Whatsapp essa frase na madrugada do dia 28 de dezembro de 2019. Ézio, um dos nossos entrevistados encaminhou essa frase depois de ter passado a noite conversando sobre a famigerada Língua de Sapateiro em um aniversário. O tema era um assunto recorrente nos encontros, mas foi nesse dia que ele se torna objeto de pesquisa. “Eu gosto muito de você”, é a tradução da frase que sai do aplicativo do celular e agora compõe o título deste trabalho.

“Língua de Sapateiro” é o nome popularmente dado a essa linguagem criada e utilizada pelos sapateiros da cidade Passos. A chamada Língua, é na verdade um código linguístico, um dialeto social ou socioleto que ressignifica as palavras da língua portuguesa dando a elas novos significados. A linguagem dos sapateiros era estabelecida a partir do contexto da conversa e muitas das vezes as “novas” palavras surgiam de improviso. Os códigos podiam ser criados a partir da semelhança das palavras, como é o caso de *Eurico*, que significa *Eu*, e *Gustavo* que significa *gosto*. Os códigos também se relacionavam a características das pessoas, como a moça turca que chamavam de *truqueio*, ou como o soldado de polícia, Mário Bigodudo, que era chamado de *marimbondo*. O fato é que, a Língua de Sapateiro não é uma língua em seu sentido literal, mas sim um tipo de linguagem, que é estabelecida a partir do contexto da conversa, criada e utilizada pelos sapateiros da cidade de Passos.

Nosso objetivo central é pensar essa linguagem, e os seus usos, por esses sapateiros na cidade de Passos através do tempo. Nesta introdução, busca-se realizar uma análise acerca da História Cultural e da História Local e de como elas se localizam dentro desse tema. A contribuição da História Cultural para esta pesquisa, vem no sentido de compreender que, como afirma Lynn Hunt, “As relações econômicas e sociais não são anteriores às culturais, nem as determinam; elas próprias são campos de prática cultural e produção cultural [...]”¹. Sendo assim, é a partir da cultura que pensaremos a história de um grupo de indivíduos subalternizados e, partindo das suas histórias de vida,

¹ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (O Homem e a História). p. 9

analisaremos não apenas a linguagem aqui pesquisada, mas também todo o contexto social, econômico e político em que ela se estabelece.

Para compreendermos o uso de uma linguagem específica de um grupo, se faz ainda necessário explicitar alguns conceitos importantes. Primeiramente, esta pesquisa utiliza o conceito de Cultura definido por Raymond Williams como: “um substantivo independente [...] indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral”.² A partir desse conceito, realizamos um estudo que permitisse indicar e compreender os sistemas de significação, do simbólico, que circunscrevem o contexto da linguagem dos sapateiros na cidade de Passos.

Partindo do conceito de Cultura, é importante salientar a diferenciação que é feita, a partir do discurso científico, entre uma Cultura alta, que está relacionada à crença em uma sabedoria superior, mais intelectual, e uma Cultura das massas, uma Cultura Popular. Roger Chartier apresenta duas concepções de Cultura Popular. A primeira, a enxerga como “um sistema simbólico coerente e autônomo” enquanto a segunda concepção define a Cultura Popular de acordo com a relação de privação que ela estabelece com a cultura dominante. Essa segunda concepção, de acordo com Chartier, privilegia um discurso que coloca em pauta uma “suposta idade de ouro da cultura popular”, em que, em determinada época ela vigora e em outras aparece submetida à censura e acaba sendo “desmantelada”. A partir dessa visão, na historiografia, a cultura popular aparece como tendo um desaparecimento inevitável, assim como um retorno certo. Segundo o autor, isso indica que o verdadeiro problema seria como compreender a elaboração dessa malha de relações complexas que se estabelecem em relação às forças exteriores impostas sobre ela.³

Para Chartier, é dentro desse terreno de privação e de imposição que a cultura dominante se estabelece sobre a cultura popular, que ela se faz resistente. É dentro do espaço que existe entre a norma e o vivido que a cultura popular utiliza de diferentes recursos para poder se afirmar. Portanto, é a partir dessas considerações que pensaremos essa expressão da cultura popular e quais os usos e as funções dessa linguagem criada pelos sapateiros da cidade de Passos e quem são esses sujeitos. Com isso, pensaremos quem são esses indivíduos do popular e de que maneira eles se aproveitam das brechas

² WILLIAMS, Raymond. **Introdução; Cultura**. In.: Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução: Sandra Guardini Basconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 121

³ CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 08, no. 16, p. 179-192, 1995. p. 179, 180

para resistirem aos processos de dominação, a partir de práticas que auxiliem na apropriação de um universo de significações, dando novos sentidos a elas.

Para isso, utilizaremos o estudo que Michel de Certeau faz acerca das *estratégias*, que supõem a existência de um lugar próprio, de uma instituição, que produz e impõem suas normas, objetos e modelos, e entre *táticas*, que supõem a não existência de um lugar próprio, um não-lugar, e são caracterizadas pelos seus “modos de fazer” ou “fazer com”. Nesse sentido, levando em conta o contexto em que se insere esta pesquisa, consideraremos como *táticas* as operações feitas pelos sapateiros da cidade, que não possuem um lugar institucional próprio, e se utilizam da esperteza e da astúcia como recurso para subverter as regras do espaço opressor, manipulando a língua e se utilizando disso para, acima de tudo, zombar de autoridades e clientes, sem sofrer as consequências de tal ato.⁴

Para pensar a Língua de Sapateiro é ainda necessário analisar o contexto em que ela está inserida. A fim de compreender melhor o tema aqui pesquisado, é necessário refletir sobre os termos em que ele se relaciona com a espacialidade, entendendo a História como o estudo do Homem no Tempo. Nesse sentido, é importante nos determos sobre alguns conceitos. O primeiro deles é o de espaço, que se entende como “lugar que se estabelece na materialidade física, como campo que é gerado através das relações sociais, ou como realidade que se vê estabelecida imaginariamente em resposta aos dois fatores anteriores.”⁵ Nesse sentido, o espaço é visto como um lugar de transformações e continuidades feitas através da ação humana. De acordo com o que discute Barros através de Milton Santos, o espaço pode ser definido como um “campo de forças”, onde ele é “resultado de uma produção”, e é essa produção que constitui o espaço enquanto um “espaço social”.⁶

Pensando ainda no homem como produtor e criador desse “espaço”, deve-se levar em conta o que Barros define como território. De acordo com o autor, o território existe a partir do momento em que ele se relaciona com aquilo que se deseja pesquisar e investigar, seja no âmbito da cultura ou da economia, por exemplo. Levando em conta

⁴ CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 46

⁵ BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa: UEPG, v. 10, Verão, p. 95-129, 2005. p. 96-97

⁶ BARROS, 2005, p. 114

que o território seja uma produção que se apoia no espaço, que é feita a partir do espaço, através das práticas que se dão no cotidiano, os sujeitos do conhecimento, aqui principalmente o historiador, também é capaz de produzir esses territórios através da apropriação e da representação que faz do espaço.⁷ É a partir desses conceitos que, nesta pesquisa, se pensa a espacialidade em que se dá a linguagem dos sapateiros aqui estudada, levando em conta tanto o território da cidade como o espaço das sapatarias, e como estes espaços se relacionam.

A cidade de Passos conta com uma economia baseada, principalmente, na agropecuária e no agronegócio, se destacando como polo regional na atividade. Essa formação econômica remonta ao século XVIII, em que a região já se apresentava como um entreposto comercial e possuía fazendas que manufaturavam e comercializavam produtos que derivavam da pecuária como a carne seca, couros, solas, sebos, dentre outros.⁸ Na década de 1940, a pecuária do zebu sustentava a força econômica e exercia fortes influências na política passense.⁹ Nesta época, ainda não se encontravam lojas que vendessem bens de consumo como vestimentas e calçados em larga escala, e é nesse contexto que, levando em conta a quantidade de matéria prima para fabricação artesanal de derivados da pecuária, surgem as sapatarias. A partir de algumas entrevistas é possível perceber que os sapatos na época eram um grande indicativo de poder econômico, pensando que as sapatarias ficavam localizadas em sua maioria no centro da cidade, e que tinham como fregueses os moradores daquela região.¹⁰ E é dentro dessas sapatarias que surge o código linguístico que será aqui estudado.

Através desta pesquisa, busca-se compreender e iluminar as singularidades que não podem ser contempladas pela História Geral. É nesse âmbito, da História Local, que se estabelece esta pesquisa. Pensar a história de um grupo ou comunidade só é possível através de um estudo que leve em conta “como o processo se desenvolveu para aquelas pessoas, que soluções elas encontraram para seus problemas cotidianos.”¹¹

⁷ BARROS, 2005, p. 112.

⁸ RIBEIRO, Gisele Aparecida. **O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais: um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy.** (Mestrado em linguística), UFMG, Belo Horizonte, 2010. p. 59.

⁹ GRILLO, Antonio Teodoro. **Câmara de Passos: 150 anos.** Passos: Edição Comemorativa do Sesquicentenário, 1998.p. 206.

¹⁰ OLIVEIRA, Thatianna e. **Linguça de Sapateiro: um dialeto que marcou a história de Passos.** (Graduação em Comunicação Social), UNESP, São Paulo, 2014. Livro Digital. Disponível em: <https://issuu.com/beatriz.spinelli/docs/linguica_de_sapateiro>

¹¹ DONNER, Sandra Cristina. **História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil.** In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, v. 11, p. 223-235, 2012. p.223

Partindo dessa perspectiva, de pensar a história local a partir das diferenças, a micro-história também contribui nessa análise. De acordo com Silvio Marcos de Souza Correa:

a micro-história tenta não sacrificar o conhecimento dos elementos individuais a uma generalização mais ampla, e de fato acentua as vidas e os acontecimentos individuais. Mas, ao mesmo tempo, tenta não rejeitar todas as formas de abstração, pois fatos insignificantes e casos individuais podem servir para revelar um fenômeno mais geral.¹²

Essa abordagem historiográfica é capaz de auxiliar nos estudos e na compreensão da complexidade dos processos históricos de uma localidade específica, sendo possível recuperar particularidades muitas vezes ignoradas pela história local tradicional, a fim de compreender melhor a “complexidade da realidade pretérita”.¹³ Com isso, o intuito deste trabalho não é o de escrever uma história acabada da cidade de Passos, mas sim o de pensar o micro-espço das sapatarias e como ele se relaciona com a cidade a partir dos âmbitos cultural, político e econômico.

Pensando a História Local, é necessário refletir também sobre quem a produz. Ela também é produzida, na verdade na maioria das vezes, por pessoas que coletam e recolhem a história da sua comunidade. Essas pessoas podem ser chamadas de memorialistas. Eles, mais comumente são amadores, que, geralmente, não obedecem aos métodos e procedimentos do fazer historiográfico, e, de acordo com Sandra Cristina Donner, não produzem história, mas sim, memórias.¹⁴ Apesar de não utilizarem o rigor metodológico, eles são importantes por produzirem registros, a partir do momento em que pautam a importância da memória para a produção de uma História Local.

Nesse sentido, a pergunta que norteia a pesquisa é: Qual a função da linguagem dos sapateiros no contexto da cidade de Passos, Minas Gerais. Partindo dessa questão, propõe-se analisar os sujeitos que fazem parte dessa história, a construção da identidade desse grupo de trabalhadores, os processos de permanências, discontinuidades e resistências que permeiam as memórias que se organizam entorno dessa linguagem peculiar.

¹² CORREA, Silvio Marcos de Souza. **História local e seu devir historiográfico**. Métis, Caxias do Sul: EDUSC, v. 1, 2002, p.22-23

¹³ Ibid., p.28

¹⁴ DONNER, 2012, p.227

Para compreender a história do Município de Passos, esse trabalho recorre a pesquisas acadêmicas que contem desde a constituição econômica da região em que se insere até a sua transformação em cidade; textos e livros de memorialistas e estudiosos locais que escrevem sobre a história do município; e recorre também aos jornais que circulavam na cidade em meados do século XX, encontrados no Centro de Memória Social da UEMG Passos, visando compreender a sua formação econômica, política, social e o cotidiano da cidade. Para além disso, foi feito um levantamento da bibliografia pertinente ao tema da linguagem e da sua função na construção cultural e social.

Fazendo um diálogo com Halbswachs, Donner considera a “elaboração da memória coletiva como uma produção do grupo/comunidade, que só faz sentido pela sua interação com os membros”. Essa memória experienciada dentro de grupos sociais é o que constitui o sentimento de pertença, de identidade. Apesar disso, a memória age de forma subjetiva por ser uma experiência real e pessoal, sendo assim, pode ser manipulada.¹⁵ Esta pesquisa, através do estudo de relatos pessoais e de fontes de memorialistas, busca compreender essa memória, e a sua importância na criação de um sentimento de identidade, a fim de entender o papel que ela exerce na organização desse “grupo”, que são os sapateiros de Passos, e na constituição da linguagem utilizada por eles.

Buscando elucidar as perguntas que norteiam essa pesquisa procuramos, a partir de narrativas remanescentes através de entrevistas orais previamente estruturadas e que foram desenvolvidas ao decorrer da pesquisa, compreender o cotidiano da cidade em que as sapatarias estavam inseridas na época em que se atribui o auge do uso da língua dos sapateiros. Para isso, foi feita a produção de fontes a partir da história oral, fazendo uma análise qualitativa dessas produções. Dentro da metodologia da História Oral, produzimos uma história oral temática. De acordo com Sebe Bom Meihy¹⁶, a história oral temática pode ser definida como o esclarecimento mais objetivo acerca de determinado tema. Na produção dessas fontes, devemos levar em conta o respeito às narrativas, considerando que a entrevista, assim como esclarece o autor citado, deve ser vista como um processo dialógico em que se registra a narrativa de uma outra pessoa, em que o entrevistado não

¹⁵ DONNER, 2012, p.81

¹⁶ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Guia prático de história oral: para empresas, comunidades, famílias**. São Paulo. Contexto, 2011.

aparece como um ser passivo, mas sim como peça principal na construção de uma nova História.

Como essa metodologia requeria o envolvimento com outros seres humanos, submetemos o projeto no Comitê de Ética, que tem por finalidade analisar os riscos que a pesquisa apresenta ao se envolver com outras pessoas. Para tramitação no Comitê de Ética, apresentamos um projeto que contava com objetivos, metodologia a ser aplicada, possíveis riscos e benefícios que a pesquisa apresenta, critérios de inclusão e de exclusão, número de participantes, cronograma de execução, orçamento e referências bibliográficas. Além disso, foram elaborados um roteiro de entrevistas, um Termo de Compromisso e Confidencialidade da Equipe Executora e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os participantes.

As entrevistas foram realizadas no local indicado pelos participantes. Eles então foram submetidos a uma série de perguntas, de acordo com o roteiro de entrevista aprovado pelo Comitê de Ética, mas com o decorrer da entrevista e do direcionamento da conversa novos questionamentos foram surgindo, sendo assim, as entrevistas acabam diferindo uma da outra, mas todas partiram dos mesmos questionamentos base, que visavam responder a problemática proposta pelo trabalho na tentativa de alcançar os objetivos da pesquisa. O áudio das entrevistas foi gravado a partir de um aplicativo no aparelho celular, que estão armazenadas no aparelho e em um drive. Depois de finalizadas, os áudios foram transcritos em um arquivo word, que também estão salvos em drive. Para a análise das entrevistas, utilizamos a metodologia de uma História Oral temática, que visa um esclarecimento mais objetivo acerca de determinado tema, levando em consideração o conhecimento e a memória dos participantes, sempre os tomando como sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento acerca do tema pesquisado.

O primeiro participante convidado a participar é Ézio Gonçalves da Silva, que foi quem deu o *insight* para a produção desse trabalho. O contato foi feito via Whatsapp para marcar o dia, o horário e o local que fossem da preferência do participante para a realização da entrevista. O segundo colaborador é o senhor Sebastião Wenceslau Borges, um sapateiro aposentado, já conhecido por falar sobre o tema e por já ter dado entrevistas sobre a língua de sapateiro, além de ser um memorialista que escreve, dentre outras temáticas, sobre a história da cidade de Passos. O contato foi feito via telefone fixo, depois

de ter conseguido o telefone de um de seus filhos que nos encaminhou o seu contato. Por telefone combinamos o dia, a hora e o local para a realização da entrevista. O terceiro interlocutor é um outro sapateiro, ainda na ativa, senhor João Batista Borges. O contato foi feito com ele diretamente na sapataria na qual ele trabalha e é sócio. Nessa primeira visita definimos o dia e o horário que seria melhor para realizar a entrevista.

O processo de esclarecimento e de obtenção dos termos de conhecimento foi o mesmo com os três participantes. Quando chegava ao local, apresentava o TCLE e esclarecia quanto ao conteúdo do documento, explicitando a forma como se daria a entrevista, que ela seria gravada e sobre a possibilidade de poder gerar alguns riscos, como a lembrança de fatos não tão agradáveis, mas que a conversa seria feita com cuidado e respeitando o tempo do participante. Também foi esclarecido que eles poderiam desistir em qualquer momento do processo. Depois de explicar, era dado um tempo para que os participantes pudessem ler o termo e, se assim quisessem, assiná-lo.

Durante a realização das entrevistas, surgiam alguns assuntos delicados, como por exemplo a morte de parentes próximos, mas os participantes não demonstraram nenhum tipo de dano emocional ou psicológico e trataram o tema sempre com naturalidade, principalmente por se tratar de eventos ocorrido a bastante tempo. Inclusive, todos eles demonstraram contentamento em participar da pesquisa e auxiliar no conhecimento sobre o tema.

Partindo do exposto acima, esta introdução pretende esclarecer algumas questões teórico-metodológicas que dão conta desta pesquisa. É a partir do diálogo entre a História Local, a História Cultural e a História Oral que este trabalho busca compreender, através de um estudo de como os trabalhadores se apropriam do espaço das sapatarias e de como elas se relacionam com o espaço da cidade, como se dá o processo de elaboração de um código linguístico próprio a um grupo social. Para além disso, busca-se assimilar como a língua e a linguagem constituem as táticas do “popular” de subversão à ordem vigente.

O primeiro capítulo fará uma recuperação do processo de formação econômica da região que compreende hoje o Município de Passos, antes chamado de Sertões do Jacuhy, através da tese de doutorado do professor e historiador passense Antonio Grilo e da tese da professora Gisele Aparecida Ribeiro, que escreve sobre o vocabulário rural de Passos. O capítulo também vai mais adiante no tempo e contará, a partir dos textos dos memorialistas locais e dos entrevistados, Sr. João e Sr. Sebastião, sobre o cotidiano da

cidade em meados do século XX, assim como sobre o espaço das sapatarias, o ofício dos sapateiros e sobre esses trabalhadores em si.

O segundo capítulo analisa a língua e a linguagem e a sua relação com a sociedade, fazendo um diálogo com a pesquisa de Michel de Certeau sobre os “Modos de Falar” e sobre as táticas que as camadas populares usam para subverter à ordem hierárquica vigente. O capítulo também, principalmente através da entrevista de Ézio, versará sobre as permanências da língua de sapateiro nos dias de hoje, e como ela sai do espaço das sapatarias com o tempo. Por fim, falaremos sobre a importância da memória e dos seus registros na constituição das identidades coletivas que são permeadas pela língua de sapateiro e na escrita de uma História do município.

CAPÍTULO 1- PASSOS (MG): ENTRE HISTÓRIAS E MEMÓRIAS, UM ESTUDO SOBRE A ESPACIALIDADE DA LÍNGUA DE SAPATEIRO

A língua dos sapateiros deve ser analisada a partir da relação que estabelece com o contexto em que é enunciada. Essa tática de apropriação da linguagem, esse produzir língua, usada para modificar as dinâmicas das relações, se situa no tempo, no instante, e, conseqüentemente, no espaço. É possível definir previamente, que a produção dessa linguagem em específico acontece dentro do espaço das sapatarias, mas, a fim de investigar melhor o “sucesso” da propagação dessa linguagem tão particular, é necessário pensar o papel que estas sapatarias ocupavam na economia e na sociedade da época, levando em conta o território em que esses estabelecimentos estavam circunscritos. É considerando isso que, nesse capítulo, faremos, a partir de uma análise da bibliografia sobre a história do município de Passos e fontes jornalísticas, uma breve jornada da história social do município.

Durante a realização das entrevistas, era perguntado aos entrevistados que foram ou ainda são sapateiros, em qual momento se deu a “criação” da língua. O Sr. Sebastião Borges, sapateiro aposentado, aponta que começou a trabalhar em uma sapataria ainda menino, aos 11 anos, em meados da década de 1950, e relata que nessa época os sapateiros mais velhos já falavam a língua “fluentemente”. No entanto, o Sr. Sebastião considera, que a língua não era falada há tanto tempo, e por isso acredita que ela tenha sido “inventada” em meados da década de 1940. No livro-reportagem *Linguíça de Sapateiro*¹⁷, Thatianna e Oliveira descreve uma entrevista que fez com Antônio Grilo, professor e historiador passense, que conta que, assim como o Sr. Sebastião, trabalhou ainda criança em uma sapataria por volta dos anos 1950 e que nessa época os sapateiros já conversavam com a sua linguagem própria, e acredita que a língua tenha sido “criada” em meados dos anos 1940.

Para descortinar o momento histórico que propicia a "invenção" da linguagem de sapateiros no município de Passos que, vamos situar por volta de 1940-1950, utilizaremos

¹⁷ OLIVEIRA, Thatianna e. **Linguíça de Sapateiro**: um dialeto que marcou a história de Passos. (Graduação em Comunicação Social), UNESP, São Paulo, 2014. Livro Digital. Disponível em: <https://issuu.com/beatriz.spinelli/docs/linguica_de_sapateiro>. p. 24

entrevistas realizadas por nós, matérias jornalísticas, monografias, dissertações, teses, dados estatísticos oficiais e textos de memorialistas locais.

1.1 “Sertões do Jacuhy”: ocupação e organização econômica

O Município de Passos está localizado na mesorregião do Sul e Sudoeste de Minas, e, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE em 2010, o município possuía uma população de 106.290 habitantes. Desse total, 100.842 têm residência na área urbana, e 5.448 na área rural. Porém, a última estimativa feita no ano de 2021, considera 115.970 o número de habitantes de Passos.¹⁸ O município é considerado um polo regional, que tem sua economia baseada, principalmente, na agropecuária e no agronegócio. A cidade ainda conta com um forte setor de serviços, tendo também pequenas indústrias de confecções e de móveis. Para se pensar a economia local visando compreender o cotidiano da cidade de meados do século XX, retrocederemos em sua história, para pensar o processo de formação da cidade, e os processos que levaram o município a se tornar um importante polo regional.

Pedimos licença ao leitor, ao nos determos na narrativa dos processos de constituição do município de Passos, desde os seus primórdios, mas acreditamos que, além de permitir compreender o universo cultural em que se constituiu a cidade, é também dever da História Regional reunir narrativas que, muitas vezes, estão dispersas em meio a fragmentos documentais e bibliográficos.

Em sua tese de doutorado *Tocaia no fórum: violência e modernidade*, Antonio Theodoro Grilo, faz uma extensa análise do povoamento da região em que Passos está localizada. De acordo com a sua pesquisa, o município de Passos está localizado em uma área historicamente denominada de “Sertões do Jacuhy”, que corresponde à área que se encontra na junção de três rios: o rio Grande, o rio Sapucaí e o rio São João, e é nessa “malha espacial”, que muitas pessoas passaram a se organizar social e economicamente. O autor pondera em seu texto, que os primeiros entrantes dessa região foram os povos escravizados que, para fugir do cativo, criaram diversos quilombos pela região. Após uma política de destruição dos quilombos e de confisco dos seus bens e terras, de uma

¹⁸ IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Passos**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/passos/panorama>. Acesso em: 12 abr. 2023.

Em contrapartida, Angélica Cristina Gomes Silva, em sua dissertação que versa sobre a instituição da região do “Sertão da Farinha Podre”, o que seria correspondente ao Triângulo Mineiro nos dias de hoje, considera que foram os próprios mineiros que povoaram as regiões dos sertões da capitania de Minas Gerais. De acordo com a autora, a distribuição das cartas de sesmarias não teriam sido o motivo principal de disputas por terras na província. A capitania ainda tinha as suas fronteiras, principalmente com São Paulo e Goiás, sendo disputadas, e teria sido exatamente essa a motivação para o “povoamento” dessas regiões, tendo a mineração como impulso para essas novas “descobertas”. Apesar disso, Grilo e Silva convergem no que diz respeito à decadência da mineração nessas áreas da capitania em meados do século XVIII, sendo assim, as pequenas e médias propriedades ali instituídas, tendo sido ocupadas por paulistas ou mineiros, tinham como base econômica a agricultura e a pecuária.²²

Para Grilo, havia ali uma complexa produção de vida material, uma história sendo escrita “às margens das práticas da mineração”, sendo alavancada principalmente pelo comércio e pelo consumo, que foram responsáveis por estreitar as relações, conectando os currais, as roças, as lavouras, os artesãos e artesanatos e o arraial em construção.

No início do século XIX, na região da Canastra, a criação de gado aparecia como atividade econômica das fazendas e roças, que ainda incluíam o cultivo de arroz, feijão, mandioca, entre outros. Além da lavoura e da boiada, os produtores da região contavam com a confecção de produtos derivados, a manufatura de artesanatos de transformação, como por exemplo, queijo, carne seca e couro.

A circulação e comercialização dessas mercadorias era feita em um ritmo que respeitava os tempos da natureza, do plantio, da colheita, ao mesmo tempo em que dependia da marcha dos carros de boi, sendo assim, a distribuição desses produtos era feita de forma mais lenta, mesmo que durante toda a primeira parte do século XIX, tenha havido uma expansão das fazendas e das roças e, conseqüentemente, do comércio dos seus produtos.²³

Antônio Grilo divide em dois grupos as unidades agropecuárias existentes na região:

²² SILVA, Angélica Cristina Gomes et al. **A instituição da região:**(in) definições do “Sertão da Farinha Podre, actual Triângulo Mineiro”. (Mestrado em História Social), UFU, Uberlândia, 2020. p. 69

²³ GRILLO, 2009, p. 160-161.

a) AS FAZENDAS, caracterizadas pelos cultivos de mantimentos e de cana, em geral comum a todas, para atendimento dos interesses da reprodução e da comercialização; pela criação de gado com vistas aos interesses de mercado; e ainda pela produção de artesanatos de transformação, destacando-se os derivados da pecuária (carne seca, couros, solas, sebos, mantas de toucinho), ou dos cultivos (açúcar mascavo, rapaduras, “águas ardentes”), todos voltados para os interesses comerciais; [...] b) AS ROÇAS, produtoras de alimentos, com rebanho bovino diminuto, mas que sempre permitia a comercialização de pequeno porte; uma ou outra touceira de cana; criação de porcos “pro gasto”, mas também, sempre que possível, direcionada para o mercado, e produção artesanal de derivados, especialmente o toucinho, os queijos, além da venda ocasional de galinhas e ovos.²⁴

De acordo com o que relata o autor, em ambos os casos, a fabricação artesanal de derivados está presente, e, como podemos observar, mesmo que não tenha como interesse primário, é possível perceber certo empenho para a acumulação através do comércio tanto das matérias-primas quanto da manufatura.

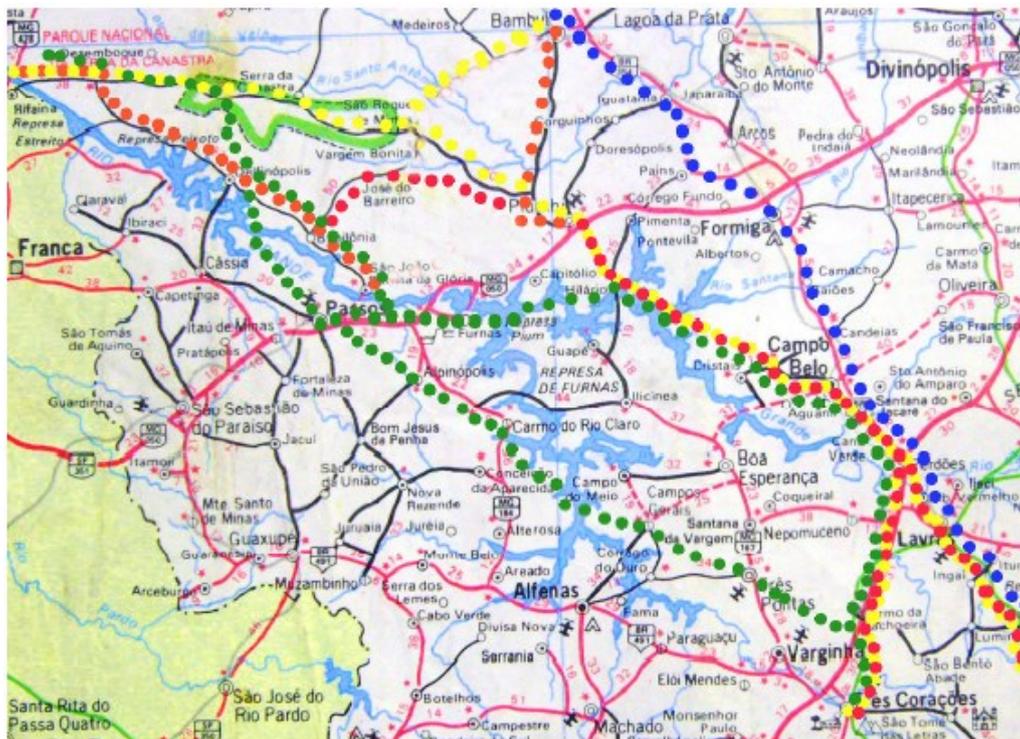
Mas é a partir da segunda metade do século XIX que começa a se delinear mais fortemente como se daria a criação de gado dali para frente na região que correspondia ao que era chamado de sertões do Jacuhy. Visando o acúmulo de capital, a pecuária tradicional dá espaço à “pecuária de invernada”, que consiste, de maneira simplificada, na compra de boi magro que passa por um processo de engorda para ser vendido mais tarde. Partindo da análise do censo da cidade de Passos de 1873, Grilo observa que a cidade apresentava um “perfil geral de desenvolvimento”, em que aparecia como um centro desse “universo de trocas, negociações”, exercendo já uma liderança regional.²⁵

A principal conexão comercial dos sertões do Jacuhy, no vale do São Francisco, é a Comarca do Rio das Mortes, atual região de São João del-Rei, em que os caminhos eram feitos através da “picada do Desemboque” que cruzava a Canastra e depois encontrava com a “picada do Goiás”²⁶ e pela “salineira de baixo”, e, mais tarde, a rota dos invernistas, que seguia de Passos pela margem do Rio Grande e depois encontrava a picada do Goiás, representadas no mapa abaixo. Todos esses caminhos foram sofrendo alterações de acordo com as necessidades do mercado da época.

²⁴ GRILO, 2009, p.170-171.

²⁵ Ibid., p. 180.

²⁶ O termo “picada” aqui assume o significado de um caminho estreito que é feito pela mata.



■ “picada de Goiás”. ■ salineira ou boiadeira “de cima”, também denominada “picada do desemboque”, antiga rota dos muare e do sal, praticada por paulistas e mineiros; o trecho dos chapadões corresponde à antiga “picada do desemboque”. ■ salineira ou boiadeira “de baixo”; utilizada por criadores de gado e de porcos, das margens do rio Grande; foi também utilizada depois pelos invernistas. ■ Rota dos invernistas.

Mapa 02 – Os caminhos
Fonte: GRILO, 2009, p. 172²⁷

Pensando nessa lógica da acumulação e no aumento da demanda de carnes bovina, couros, queijos e carne suína para o abastecimento dos povoados e vilas que havia pelo caminho e do próprio mercado consumidor do Rio das Mortes, os sertões do Jacuhy se tornam cada vez mais relevantes dentro dessa malha comercial. Com isso, o que impulsiona o aumento da demanda pelos produtos do sertão não é apenas o aumento da população dessa comarca, a mudança da capital administrativa para o Rio de Janeiro, torna a comarca de Rio das Mortes o entreposto comercial preferencial para “abastecer a Corte com os produtos do sertão e abastecer o sertão com os produtos da Corte”. Já na segunda metade do século XIX, Passos, que obteve a sua cidadania em 1858, aparece como um posto hegemônico em Minas Gerais nesse tipo original de comércio da pecuária bovina caracterizado pelo sistema de invernada.²⁸

É importante aqui, pensar essa malha das materialidades para além do meio rural. Concomitantemente à expansão das roças e fazendas, a cidade veio delineando o seu

²⁷ Grilo utiliza como fonte um Mapa Rodoviário. As inserções das linhas e a legenda da imagem foram feitas pelo autor.

²⁸ RIBEIRO, 2010, p. 62 e 63

contorno. Ao mesmo tempo em que algumas transações eram feitas nas imediações das propriedades rurais, muitas outras passavam dentro da cidade. Com o aumento de viajantes e comerciantes ambulantes, o comércio foi sendo ampliado:

Uma parcela do capital gerado na invernada é capturado pelo consumo, pluralizando e impulsionando o comércio: armazéns de secos e molhados, armarinhos, bazares e lojas de fazendas, mas também selarias, sapatarias, padarias, engenhos de serra e madeireiras, os varejos e os atacados encontram novas perspectivas. Há uma espécie de euforia em torno da cidade e do comércio [...]²⁹

Foi a partir desse sistema de invernada que o proprietário rural passou a ter a possibilidade de administrar os seus negócios de longe, ficando assim mais tempo na cidade. Foi também a partir desse sistema, que possibilitava certa acumulação de capital, que tornou possível a busca por novos horizontes de consumo e, conseqüentemente, a multiplicação dos setores de artesanatos de transformação para atender “às novas condições econômicas das famílias dos invernistas” e à nova demanda de serviços especializados.³⁰

A fim de recompormos alguns aspectos do cotidiano dos anos 1940 e 1950, fizemos uma breve história econômica de Passos para, a partir deste ponto, pensarmos os resquícios dessas práticas econômicas e sociais no século XX, buscando desvendar o papel que as sapatarias ocupavam nessa malha de relações.

1.2 1920 – 1950: modernização e cotidiano

Antes de adentrarmos ao espaço das sapatarias, é necessário ver mais de perto como se dá o processo de ampliação e de modernização da cidade. Desde o início do século XX, o comércio e a indústria foram se desenvolvendo, fazendo com que os diversos setores da economia fossem ganhando corpo. No livro *Registros I*, o professor e memorialista passense Hélio Soares Negrão, reúne diversos acervos pessoais e de diferentes cidadãos passenses que relatam o cotidiano da cidade, trazendo dados tais como o número de habitantes, quantidade de casas, prédios, lojas e fábricas, preço dos artigos vendidos na época etc. Neste livro que, além de utilizar outras fontes, resgata dados do “Álbum do Município de Passos, sul de Minas – Brasil” organizado e publicado por Elpídio Lemos de Vasconcellos no ano de 1920, há uma informação que Passos teria no

²⁹ NEGRÃO, Hélio Soares. **Registros I: 222 Passos no tempo (História e Memórias) 1764-1986**. Passos: Edição do Autor, 1994. p. 195.

³⁰ *Ibid.*, p. 197.

ano de 1920 uma população de 21.754 pessoas. Nesse mesmo álbum, o autor nos traz que Passos já contava com:

1 Agência de Banco (Hipotecário e Agrícola), 38 negociantes de fazendas, armarinhos e novidades; 146 ferragens, molhados e gêneros do país; 32 açougues de porco e gado, 11 padarias e confeitarias, 7 hotéis e casas de pensão, 3 fábricas de macarrão, 2 fábricas de bebidas, 6 moinhos de fubá na cidade, 4 máquinas de beneficiar arroz, 3 bilhares com bebida; 7 farmácias, 8 médicos, 7 dentistas, 6 advogados, 7 barbeiros, 12 alfaiatarias, 13 sapatarias, 12 selarias, 3 curtumes, 4 ourivesarias, 3 tipografias para obras, 2 jornais, 8 mercearias, 7 ferrarias, 2 engenhos de serrar madeira na cidade, 14 empreiteiros de obras, construções de casa, 53 pedreiros, 67 carpinteiros.³¹

A partir destes dados, é possível perceber que a cidade possuía a sua produção fortemente ancorada na manufatura, mas que já tinha em seu horizonte a ampliação de uma produção mais industrializada, levando em conta o aparecimento de um maquinário especializado para beneficiar produtos agrícolas. Além disso, o surgimento de fábricas, responsáveis pela transformação da matéria-prima em bem de consumo, aponta já uma modernização no modo de produção da época. Um outro dado interessante que pode nos levar a tal constatação é sobre a exportação do ano de 1920. Nesse ano, havia 259 fazendas de pastagem ao redor da cidade, destas, 26 se dedicavam à criação de gado em grande escala e fabricação de manteiga. Para além disso, havia 65 fazendeiros que cultivavam cana-de-açúcar.³² Nessa mesma década, chegava até a área rural do município a Usina Açucareira Passos que, com o passar dos anos, se tornou um importante pilar da economia passense, com a fabricação de açúcar, melão, e posteriormente de fermento e etanol.

A partir de então, o município de Passos em seu potencial econômico não parou de crescer. A chegada da Estação da Estrada de Ferro da Companhia Mogiana no ano de 1921 também foi determinante no processo de modernização da cidade. A ferrovia que ligava Passos ao interior paulista contava com um trem diário que transportava carga e passageiros. No Sul de Minas, em um primeiro momento as ferrovias foram desenvolvidas a fim de abastecer os mercados de São Paulo e Rio de Janeiro, mas um pouco mais tarde, o desenvolvimento da malha ferroviária nessa região foi impulsionado pelo crescimento do mercado cafeeiro. O aumento da lavoura cafeeira no oeste paulista criou a necessidade de otimizar o meio de transporte para sustentar a sua expansão e, de

³¹ NEGRÃO, 1994. p. 35.

³² Ibid., p. 36.

acordo com Leandro Aparecido Lopes, foram os interesses ligados a esse mercado que permitiram a instalação da ferrovia Mogiana em Guaxupé e o Ramal de Passos.³³

O processo da expansão ferroviária no Brasil teve início durante o Império, com a finalidade de incentivar uma economia de exportações, o governo criou um sistema de concessões para atrair investidores e possibilitar a entrada de capital estrangeiro no país. Sendo assim, os centros de produção agrícola e de mineração foram ligados aos portos através das primeiras linhas férreas, fazendo com que as ferrovias conectassem o país ao mercado mundial. A partir das mudanças nos modos de produção durante a República, as companhias ferroviárias, aqui trataremos especificamente da Companhia Mogiana, buscaram ampliar a sua malha. A Mogiana procurou estabelecer novas concessões em Minas Gerais, por passar por restrições nas concessões em São Paulo, para trazer os trilhos para a área da expansão da economia cafeeira, ao mesmo tempo em que contou com os esforços dos coronéis e barões do café para impulsionarem politicamente a expansão da empresa na região. “O ramal de Passos foi inaugurado em seu primeiro trecho de 15 quilômetros ligando Guaxupé a Guaranésia, em 1912 [...]. Foi sendo prolongado aos poucos, chegando a Passos, somente em 1921.”³⁴



Fotografia 01: Estação de Ferro Mogiana nos anos 1920

Fonte: Acervo Alita Soares Polachini³⁵

³³ LOPES, Leandro Aparecido. **Transporte ferroviário e economia no sudoeste de Minas Gerais: o café e a Cia. Mogiana de EF (1880-1930)**. In: **HISTÓRIA EM TEMPOS DE CRISE**. XX Encontro regional de História. Uberaba: ANPUH MG, 2016. p. 4

³⁴ *Ibid.*, p. 8

³⁵ Ralph Mennucci Giesbrecht. **Cia. Mogiana de Estradas de Ferro (1921-1971) Fepasa (1971-1998)**. 2019. Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/mmg/passos.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2023.

O livro que retrata a História de Passos, datado de 1969, foi escrito por um cidadão passense, nascido em 1888. Washington Noronha, formado em curso de humanidades e bacharel em direito, filho de coronel, foi um grande influenciador, naquela época, da imprensa da cidade e da advocacia. O seu livro, que conta com 2 volumes, ainda é muito utilizado como referência para contar a história da formação do município. Noronha era um homem da elite passense, e isso fica evidente em seu discurso.

Sobre o processo de modernização da cidade, o autor descreve as principais mudanças que ocorreram durante o governo de Dr. Lourenço de Andrade, um médico que ficou na administração da cidade de 1927 a 1945. Em 1931, durante o governo provisório de Getúlio Vargas foi instituído o Regime de Prefeituras, sendo assim, Dr. Lourenço de Andrade, que era o então presidente da Câmara, foi empossado como prefeito da cidade pelo interventor federal do estado de Minas Gerais, Sr. Olegário Dias Maciel. Em 1937 com a outorga da nova constituição, o novo interventor de Minas Gerais, Dr. Benedito Valadares Ribeiro, trocou telegramas com o então prefeito de Passos, que reafirmou seu apoio ao regime. Depois de 15 anos na liderança do poder Executivo do Município de Passos, o prefeito foi exonerado do cargo, tendo sido sucedido pelo Sr. Dr. Geraldo Starling Soares, também empossado via nomeação pelo interventor federal do estado.

Noronha relata como o Dr. Lourenço de Andrade investiu na modernização do espaço urbano ao mesmo tempo em que investiu na economia rural do município. De acordo com o autor, as políticas de Lourenço de Andrade propiciaram uma verdadeira reforma, com o asfaltamento das ruas do centro, a construção de pontes e estradas, melhoramento das redes de água e esgoto, ao mesmo tempo em que investiu nas estradas que possibilitavam e aprimoravam a interação entre o campo e a cidade. Para Noronha, essas políticas resultaram na:

Intensificação do comércio de gado exportável, suínos, madeiras, leite, seus derivados, cereais. Não mais somente a balança entre o produtor e o consumidor da região. Ampliaram-se as transações, intensificaram-se as transações bancárias. Movimentação de veículos nas autovias.³⁶

No ano de 1935, de acordo com o censo do IBGE, o município de Passos já contava com uma população de 26.715. Destes, 10.248 moravam na zona urbana e 16.467 na zona rural.³⁷ Partindo desses dados e do que já foi exposto acima, é possível pensar a

³⁶ NORONHA, Washington Álvaro de. **História da Cidade do Senhor Bom Jesus dos Passos**. Passos: Edição especial Municipal, 1969. p. 497.

³⁷ NEGRÃO, 1994.p. 45.

importância da economia rural para o município e o protagonismo que o Município de Passos vinha exercendo na região desde o século XIX. Na década de 1930, alguns periódicos passenses, assim como os escritos de Washington Noronha, produzem discursos analisando a administração em voga e pensando o desempenho da cidade em diversos setores. O “Jornal Correio de Passos”, na edição do dia 26 de setembro de 1937, traz uma publicação intitulada “Passos, a princesa do sudoeste”. No texto da matéria, destaca-se o aumento das edificações e das obras públicas da cidade, o comércio e exportação dos mais variados produtos e o espírito de coletividade passense. “O comércio e a indústria, a lavoura, a indústria pastoril, firmados em alicerces sólidos, consistentes, evoluem acima de todas as expectativas e são penhor seguro da grande e rápida prosperidade que alcançamos.”³⁸

Para além do discurso ufanista, é possível perceber que a vida urbana e a sua economia vão ganhando cada vez mais espaço. Sobre a década de 1940, Noronha descreve mais uma série de mudanças pelas quais a cidade passava na época. Dessa vez o seu discurso entusiasta em relação à modernização da cidade, demonstra contentamento em relação às transformações que o ambiente urbano vinha sofrendo:

Famílias que se expatriaram daqui, em vindo, sentem-se romeiras no globativo da Cidade. Onde deixaram casas antigas, casas dos fundadores, dos próximos seus sucessores, em vindo, encontrarão hotéis, pensões, casas comerciais, do alto comércio, lojas de calçados, salas de costuras, salas de exposição dos modernos equipamentos domésticos; o clube, o cinema, salas de penteados; fotógrafos, escritórios de contabilidade, negócios especializados, barbearias, lojas de presentes, de cristais, lojas infantis; máquinas de costuras, montagem de rádios, tipografia de obras, de impressos; instrumentos agrários; vitrolas, acordeões, gabinetes odontológicos, consultórios, ourives, relojoarias, farmácias, vestuários femininos, aparelhos elétricos, lojas de televisores.³⁹

Essa citação extraída do livro de Washington Noronha, evidencia as mudanças da vida urbana, comercial e social do município de Passos, e um ganho de espaço de outros grupos sociais no centro da cidade. Agora então temos diferentes tipos de profissionais e trabalhadores, que além de exercerem seus ofícios, frequentam também os espaços sociais e passam a morar em prédios e pensões. Levando em consideração essas mudanças, o crescimento da população urbana já era bem expressivo. De acordo com o censo do IBGE do ano de 1945, o município contava com uma população de 31.587 pessoas, sendo que

³⁸ Passos, a princesa do sudoeste. **Jornal Correio de Passos**, Passos, 26 de setembro de 1937.

³⁹ NORONHA, 1969. p. 486.

destas, 11.994 se encontravam no contexto urbano e 19.593 no contexto rural.⁴⁰ Esses números comparados aos do ano de 1935, mostram que, enquanto a população urbana cresceu uma média de 17%, a população rural cresceu em média 19%.

O censo de 1949 aponta ainda mais para a ascensão do meio urbano. Nesse ano, a população urbana era de 14.044 e a rural era de 19.767. Ou seja, a população urbana cresceu pouco mais de 17% em 4 anos, enquanto a população rural cresceu menos de 1%. Apesar dessa quase estagnação na taxa de crescimento dos habitantes do meio rural, no livro *Registros I*, tem a informação de que, no referido ano, mais da metade da população urbana, vivia da Agropecuária.⁴¹

Ademais às particularidades econômicas, partindo das entrevistas produzidas para esta pesquisa, foi possível retomar diversos aspectos do cotidiano da vida passense do final da década de 1940 e início da década de 1950. O Sr. Sebastião Wenceslau Borges, memorialista local e um dos entrevistados da pesquisa, apresentou diversos detalhes de como foi a sua infância e adolescência. Hoje, com 76 anos, ele descreve com uma riqueza de detalhes impressionante como era a vida, social, escolar e profissional, da juventude na época. Ele conta que, em meados dos anos 1950, eles costumavam frequentar a escola por 7 anos, tiravam o diploma aos 11, 12 anos e depois já começavam a trabalhar. “*a sapataria, serralheria, mecânica, alfaiataria, tudo tava cheio de menino.*” Apesar disso, ele pondera que na verdade essa era a condição das crianças mais pobres:

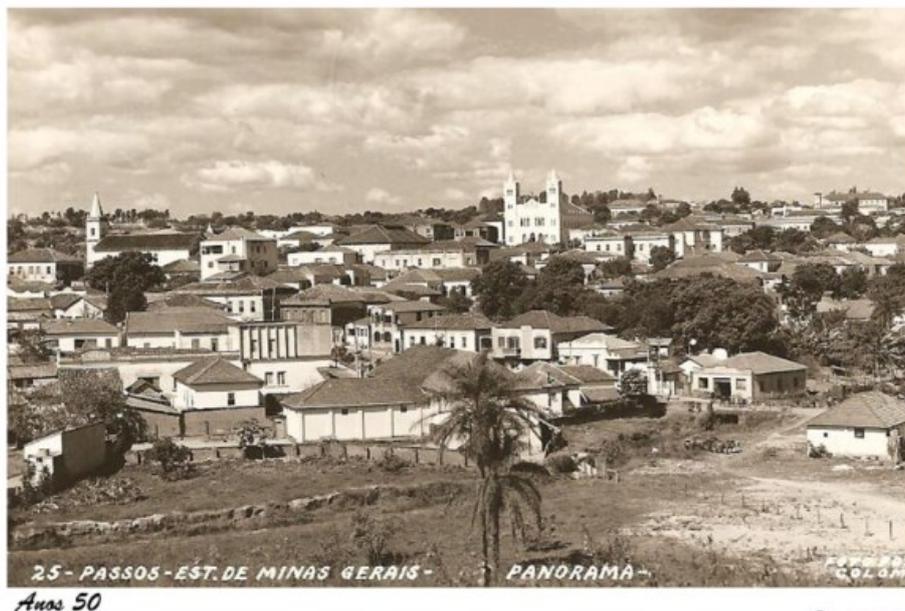
*Os rico estudava. As vezes tinha só o Colégio Estadual, mas ia até pra fora estudar, pra esses colégios particulares. Mas menino assim de bairro, igual eu fui criado, você tirava o diploma o pai já arrumava pra aprender o ofício.*⁴²

O Sr. Sebastião viveu até os 10 anos de idade no bairro da Penha e depois se mudou para o bairro São Francisco, mas trabalhou a vida inteira no centro da cidade. Ele conta que essa era a realidade da grande maioria dos trabalhadores de Passos, com exceção àqueles que trabalhavam nas roças e nas fazendas. Até mesmo os donos dos comércios não tinham condições de morar no mesmo bairro onde trabalhavam, no centro.

⁴⁰ NEGRÃO, 1994, p. 129.

⁴¹ Ibid., p. 163.

⁴² BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

Panorâmica do centro vista da Rua Boa Vista

Fotografia 02: Vista panorâmica do centro da cidade nos anos 1950
 Fonte: Acervo de Fábio de Simoni e Ronaldo José Pretti⁴³

Os trabalhadores se dividiam entre os diferentes bairros da cidade e, assim como os demais moradores, muitas vezes construíam suas próprias casas, que apresentavam diversas características em comum:

“as casas era casa ruim. Ruim não, era o normal, as casas de alpendre, [...] os ricos tinham as casas, tinha as vezes um fogão a gás, mas nem todos tinha, geladeira também nem todos, nem rico as vezes não tinha. Mas toda casa era fogão de lenha. Quem tinha um alpendrezinho pra sentar já era uma casa boa.”⁴⁴

Essas características das casas e dos bairros, mantinham vivo um sentimento de comunidade entre a vizinhança. O Sr. Sebastião conta que em sua época de criança, quando passava na porta das casas pela tarde, a partir das 16, 17h, a vizinhança já havia jantado, se arrumado, e estavam todos nas portas de suas casas, em seus bancos e cadeiras, conversando entre si. Além da conversa, esse era o momento de se informar e, logo após, de se divertir. Sr. Sebastião relata que todos se reuniam na frente das casas daqueles poucos que tinham um aparelho de rádio: *“Nessa época não tinha televisão, nós menino ouvia a novela em rádio [...] e a noite tinha a novela dos adultos, todo mundo assistia. Acabava a Hora do Brasil e começava a novela.”* Ele ainda contou que essa era

⁴³ FERREIRA, Livia. **Fotógrafa produz álbum com o resgate histórico de Passos**. 2022. Disponível em: <https://verboaria.com.br/fotografa-produz-album-com-o-resgate-historico-de-passos-em-imagens/> . Acesso em: 22 jan. 2023.

⁴⁴ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

basicamente a única fonte de notícias que tinham, afinal, quem morava nos bairros, não tinha acesso aos jornais da cidade:

Eu conheci um cidadão que toda tarde, eles falam que ele tinha rolo com uma mulher no alto da penha, aí ele vinha, é de família importante, mas não vou citar nome, aí ele penteava cabelo no salão e contava as notícias “ah hoje eu li no jornal isso” o povo ficava interessado, todo mundo gostava.⁴⁵

“A Hora do Brasil” foi um programa de rádio criado no ano de 1935 que fazia propaganda do Estado, que era identificado na figura de Getúlio Vargas, e foi uma estratégia do governo para nacionalizar a imprensa e a informação. O país possuía ainda uma grande parcela da população analfabeta e tinha nessa mídia sua maior fonte de informação. O rádio teve papel fundamental na difusão do discurso populista pelo interior do Brasil, além de disseminar o modo de vida urbanizado, o que possibilitava a criação de um consenso político e cultural no país.

Contudo, o entretenimento não ficava apenas à cargo do rádio. As crianças e os jovens estavam sempre na rua, correndo, jogando bola, e apesar de não terem boas condições financeiras e morarem nas periferias da cidade, o centro da cidade era sempre por eles frequentado. Se encontravam nas praças, principalmente na Praça da Matriz, onde estava localizado o cinema da cidade. A maioria das crianças e adolescentes frequentavam as matinês que aconteciam no Cine Roxy que pode ser visto na imagem logo abaixo.



Fotografia 03: Fachada do Cine Roxy nos anos 1950
Fonte: Acervo de Fábio de Simoni e Ronaldo José Pretti ⁴⁶

⁴⁵ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

⁴⁶ FERREIRA, Livia. **Fotógrafa produz álbum com o resgate histórico de Passos**. 2022. Disponível em: <https://verboaria.com.br/fotografa-produz-album-com-o-resgate-historico-de-passos-em-imagens/> . Acesso em: 22 jan. 2023.

De acordo com o Sr. Sebastião, todos os dias passava algum filme diferente e aos finais de semana faziam duas sessões, e a fila estava sempre dobrando o quarteirão, afinal, essa era a diversão que tinha. Ele ainda conta que até mesmo as pessoas mais pobres que frequentavam a praça, estavam sempre muito bem-vestidas, bem arrumadas e que os homens estavam sempre de terno.

O cotidiano da vida passense foi sofrendo diversas transformações com o passar da década de 1950, também devido ao *boom* que a indústria do município passa nessa época. No Jornal A Gazeta de Passos do dia 17 de fevereiro de 1952, observando a primeira página do periódico, é possível ver mais de uma manchete que acena nesse sentido da ampliação da indústria. “A Usina Açucareira aumenta sua capacidade de produção” e “Instalação em Passos de grande Frigorífico” são as duas manchetes que mais chamam a atenção. Ambas indicam a mudança que vinha ocorrendo na vida material dos passenses, podendo ser atrelada também a um aumento na demanda de produtos.⁴⁷

Durante a década de 1950, mais especificamente durante os anos do governo de Juscelino Kubitschek, todo o país passava por transformações no seu setor industrial. Com o objetivo de acelerar o crescimento econômico em um curto espaço de tempo, o Plano de Metas, com a promessa de crescer 50 anos em 5, JK, a partir de uma política nacional-desenvolvimentista, buscou através do incentivo ao investimento de capital nacional e estrangeiro e com o apoio político e econômico do Estado, desenvolver uma indústria nacional, visando a superação do “atraso” do país, que contava com uma economia baseada no modelo agrário-exportador. Com isso, a indústria de geração de energia elétrica aparece como indispensável ao projeto de industrialização do país e superação desse atraso. A partir de então, o setor elétrico passa a contar com recursos do Fundo Federal de Eletrificação, administrado pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE), incentivando a instalação de novas hidrelétricas e a construção rodoviária.⁴⁸

⁴⁷ Página 1. **A Gazeta de Passos**, Passos, 17 de fevereiro de 1952.

⁴⁸ CORRÊA, Maria Leticia, PAULA, Dilma A. **Hidrelétricas e desenvolvimento no Brasil: a construção da usina de Furnas em perspectiva histórica (1956-1965)**. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL GLOBALIZACIÓN, INNOVACIÓN Y CONSTRUCCIÓN DE REDES TÉCNICAS URBANAS EM AMÉRICA LATINA Y EUROPA, 1890-1930. BRAZILIAN TRACTION, BARCELONA TRACTION Y OTROS CONGLOMERADOS FINANCIEROS Y TÉCNICOS**. Universidad de Barcelona, Facultad de Geografía e Historia, 23-26 de enero de 2012. p. 3

Para além disso, a euforia desenvolvimentista também ganhava corpo entre os estados e municípios, que buscavam aderir a esse ideário da industrialização. É reforçado e utilizado dentro do estado um discurso de que a economia de Minas Gerais estava em decadência, e por isso, deveria se aproveitar da disponibilidade de recursos hídricos e minerais para superar o seu subdesenvolvimento industrial a partir da integração da sua região central (Belo Horizonte) e do Sul de Minas com os centros de maior desenvolvimento industrial, como a região metropolitana de São Paulo. A partir disso, em 1952, se inicia a pesquisa e investigação acerca do potencial hidrelétrico da bacia do Rio Grande. Durante os estudos, as corredeiras denominadas “Furnas”, localizadas dentro de uma fazenda entre os municípios de São João Batista do Glória e São José da Barra, são escolhidas como o local em que seria construída a futura hidrelétrica de mesmo nome. Essa hidrelétrica, de acordo com os estudos preliminares conduzidos, “representava, aproximadamente, metade do plano total de expansão de energia elétrica no âmbito do Programa de Metas lançado pela gestão de Kubitschek.”⁴⁹ Além disso, diante das negociações entre os estados, o governo federal e as entidades particulares nacionais e estrangeiras, o estado de Minas Gerais recebe uma importante concessão, que é a instalação da sede de Furnas na cidade de Passos, que fica a 35 Km de distância da Usina.

É nesse contexto que o Município de Passos aparece como um ator do processo de desenvolvimento industrial da época, tendo a construção da Hidrelétrica de Furnas um papel central no desenvolvimento da região:

O aproveitamento integrado da bacia do rio Grande, dessa forma, embora gestado no âmbito da engenharia e da política de Minas Gerais, era apresentado como sendo essencial ao país, e em especial ao desenvolvimento da chamada região Centro-Sul, definida, sob ponto de vista energético, pelos estados de Minas, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo e Norte do Paraná.⁵⁰

Contudo, a construção da usina apresenta alguns fatores que não foram favoráveis à população da região. O processo de desocupação das populações atingidas pelo empreendimento foi feito de forma autoritária, e tem-se que 35 mil pessoas foram afetadas, assim como 8.100 propriedades rurais, que ficavam localizadas na linha d’água. Dessas 35 mil, 9 mil pessoas tiveram que deixar suas propriedades.⁵¹ Cidades como Guapé e São José da Barra foram completamente inundadas e novas cidades foram então

⁴⁹ CORRÊA; DE PAULA, 2012, p. 12

⁵⁰ Ibid., p. 17

⁵¹ CORRÊA; DE PAULA, op. cit., p. 15

construídas (Nova Guapé e Nova Barra) para assistir à população atingida. Todavia, a construção da Usina Hidrelétrica de Furnas também impactou na população e no cotidiano passense. Para além dos novos trabalhadores da construção que faziam residência na cidade ou a frequentava aos finais de semana, muitas pessoas que haviam sido atingidas pela água, se mudaram para o município.

Na entrevista feita com o Sr. Sebastião, a hidrelétrica de Furnas aparece como fator muito importante para a modificação do cotidiano da cidade: “*Tava começando Furnas, aqueles candango, aqueles alemão, francês, enchia a cidade de Passos [...]*”. Ele conta como os trabalhadores da nova usina trabalhavam durante a semana e aos finais de semana enchiam os hotéis, pensões, bares e até mesmo as sapatarias da cidade de Passos. Quando questionado sobre como era a percepção dos moradores na época sobre as mudanças que vinham ocorrendo na cidade, ele responde que começaram a perceber a partir do momento em que as turbinas são ligadas e as cidades são inundadas. O Sr. Sebastião conta que a cidade começou a crescer e que as pessoas começaram a migrar, e, a partir daí, começaram os loteamentos e criação de novos bairros para a acomodação dessa população:

Bela vista [bairro da cidade], o povo tudo falava, Bela Vista é tudo gente que veio da água lá. O povo falava assim “bunda molhada, você é bunda molhada”, veio da cidade que chegou a água e escorreu pra cá. Aí a cidade aumentou mesmo. A cidade quando eu era menino, antes de vir Furnas, era parada a cidade, tranquila, era aquela coisa, aquele bar que só frequentava aqueles ali...⁵²

É nesse contexto de transformação social que é possível pensar como as sapatarias apareciam tanto como um espaço de trabalho como um espaço de confraternização, que contava com trabalhadores e frequentadores das mais variadas idades e localidades. A partir disso, busca-se então pensar a constituição dessas sapatarias como um espaço fértil de socialização que propiciou a criação e propagação de uma linguagem própria de um grupo social, os sapateiros.

1.3 Cultura e ofício: o ambiente da língua de sapateiro

Sabemos que hoje as sapatarias são caracterizadas por serem pequenas oficinas de conserto, como podemos observar na foto acima, da Sapataria Nossa Senhora da Penha.

⁵² BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

O movimento não é mais o mesmo e a clientela é bem reduzida. O Sr. João comenta que as pessoas levam os sapatos para o conserto e muitos não voltam para buscar. Alguns até voltam, depois de meses quando veem necessidade, quando por exemplo chega o frio e se lembram que tinham mandado uma bota para ser arrumada. A sapataria do Sr. João conserta sapatos, malas e outros artigos de couro, e a sapataria é repleta desses materiais antigos e esquecidos que os donos não jogam fora, a parte interna da loja é completamente ocupada por esses itens. O espaço é pequeno, e tem algumas máquinas e materiais além de duas mesas na parte da frente da loja onde são feitos os consertos, e conta com apenas dois funcionários fixos e um que trabalha de casa por encomenda.



Fotografia 04: Toninho e Sr. João na sapataria Nossa Senhora da Penha
Fonte: Acervo pessoal

Todavia, essas características das sapatarias dos dias de hoje diferem profundamente do que era em meados do século XX, de acordo com o que nos conta os entrevistados. Nessa época, as sapatarias apareciam como uma espécie de fabriqueta, em que algumas poucas máquinas auxiliavam no trabalho e a manufatura era feita em etapas, cada trabalhador fazendo uma parte da produção do calçado. Além disso, a sapataria contava com muitos funcionários, isso também devido à grande demanda da época. A imagem a seguir, foi retirada do livro de memórias do Sr. Sebastião no capítulo em que ele fala sobre as sapatarias. Na foto, que vem acompanhada da legenda do livro, podemos ver a quantidade de trabalhadores e ainda perceber a variação das idades:



Foto tirada em 1945 debaixo do pontilhão da Praia.

Da esquerda para direita - Em pé: Durval Abreu, Luiz Testa Lisa, Joãozinho Barreto, Toinzinho, Gambeva, Algebrando Mazuque, Zé Ernesto, Onofre Parreira, Antonio, José Bernardes, Rocha, Zé Rachid, Sebstião Silveira, Cicinato, Joaquim Valadão, Tião Barreto, Ouracinho, Bria, Alencar Bernardes, Rodolfo, Assad Kalas, Deocleciano, Expedito Abreu, Domingos Ramos de Souza, Moacir Pacifico e Lauro Bernardes. Sentados: Onofre Bochecha, Joãozinho Reis, Jacó Negrão, Zé Valadão, Vicente Pereira Reis (Na época estava de luto), Eloi Viana, Bolivar Santiago, todos funcionários da Sapataria N. Sra. Aparecida

Fotografia 05: Sapataria N. Sra. Aparecida (1945)

Fonte: Acervo Sebastião Wenceslau Borges⁵³

De acordo com os entrevistados, os meninos jovens começavam nas sapatarias como aprendizes. Chegavam mais cedo para limpar e organizar a oficina para que quando os oficiais chegassem já começassem o trabalho. Eles ficavam nos bancos ao lado observando o trabalho dos mais velhos e, aos poucos, iam ganhando novas atribuições. Começavam engraxando os sapatos prontos e fazendo as entregas, depois que iam ganhando confiança, começavam a fazer pequenos reparos e só depois se tornavam oficiais. “*Aí ele embrulhava o calçado depois de pronto e falava ‘oh Sebastião, vai lá entregar no...’ aí ia lá e fazia as entregas. Aí quando eles via que a gente já tava melhor, aí começava a dar serviço, ‘faz esse salto aqui, a sola...’.*”⁵⁴ Depois de passarem pelo período de aprendizagem e conseguirem aprender de fato as partes mais complicadas do trabalho, como trabalhar o couro, fazer os moldes e as costuras e os diferentes tipos de saltos e modelos, poderiam finalmente se tornar oficiais, ou seja, estavam aptos a exercer aquele ofício.

⁵³BORGES, Sebastião Wenceslau. **Memoriando**. Passos (MG), Edição do autor, 2003.

⁵⁴ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

Como já citado anteriormente, aquele ambiente se assemelhava ao de uma pequena fábrica de manufatura, e todas as partes da produção eram realizadas dentro do espaço da própria sapataria. Durante a realização das entrevistas, o Sr. João e Sr. Sebastião falaram sobre o manuseio e a compra dos materiais e sobre a confecção dos calçados. O Sr. João conta que eles compravam o couro no curtume da cidade, que ficava localizado próximo à antiga Estação Mogiana. Além disso, ele relata sobre os viajantes, que passavam nas sapatarias com os catálogos de materiais para que os sapateiros fizessem os pedidos, que depois eram entregues, alguns de carro e outros de ônibus, nas sapatarias. Basicamente, todos os materiais necessários eram encomendados para os viajantes, como cola, sola, lixa, couros especiais e prego. O Sr. Sebastião conta também das encomendas especiais de couro, como o Couro Alemão, um material mais caro e de difícil manuseio, usado pelas pessoas mais abastadas.

O material era todo preparado dentro das sapatarias. Falando sobre o Couro Alemão, que era um material mais duro, o Sr. Sebastião explica que eles pegavam aquela peça que chegava pelo correio e faziam o preparo para amolecê-lo, para aí assim, poder costurar os sapatos, que de acordo com ele, duravam para sempre. Ele relembra também sobre o salto Luís XV, extremamente difícil de fazer, que aprendeu com um sapateiro chamado Dico que era *“uma perfeição pra fazer isso”*. O Sr. Sebastião também conta sobre as chuteiras que usava e fazia na sua adolescência: *“Eu tinha umas chuteiras gaeta, que os craque jogava, tipo o Pelé, e eu aperfeiçoei fazer aquelas molas. Cê dobrava elas e punha no bolso. Eu era sapateiro e jogava bola, aí quando eu mostrava a minha, todo mundo queria uma, aí eu tinha que fazer.”*⁵⁵

No entanto, o ofício dos sapateiros perdeu essa característica do artesanato, do artístico, que precisava da criatividade do artífice para fazer o trabalho. Uma das histórias que o Sr. Sebastião conta com um tom engraçado e de muito saudosismo, é de quando um homem que tinha os pés muito grandes foi até a sapataria dele pedindo para ser confeccionado um par de botinas, porque nas sapatarias nunca havia um molde que fosse do tamanho dos seus pés. O Sr. Sebastião se comprometeu a fazer as botinas e, fazendo uma combinação de diferentes moldes, ele criou um molde próprio para o pé daquele homem. As botinas ficaram prontas e quando o homem foi buscá-las, depois de meses, o

⁵⁵ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

Sr. Sebastião passa um cebo para amolecer o couro e ajuda o homem a calçar as botinas, que saiu de lá surpreso e muito agradecido.

Na entrevista do Sr. João, ele fala em diversos momentos sobre o fazer dos sapatos, relembrando e valorizando os antigos sapateiros que eram “*verdadeiros artistas*”. Ele aponta que até os dias de hoje o sapateiro tem que saber fazer, afinal “*o material sem o fazedor não tem jeito*”⁵⁶, mas considera que nos dias de hoje é mais fácil porque o material já vem pronto, e não precisa mais ser preparado como antigamente. O Sr. João conta que hoje o seu sócio vai todo mês até a cidade de Franca (SP), que é conhecida como um importante polo da indústria de calçados, para comprar os materiais, que não são mais entregues na cidade.

Ao decorrer das entrevistas, os participantes foram questionados quanto às causas do sucesso e do grande número de sapatarias existentes na cidade. Ambos os entrevistados explicam que se dava ao fato de que naquela época, principalmente entre os anos 1940 e 1960, não havia fábricas de calçados e nem lojas que vendiam esse tipo de artigo, então, todos compravam nas próprias sapatarias. O Sr. Sebastião conta que quando começou a trabalhar na sapataria do Sr. Vicente Pereira Reis, que era a maior da cidade, ela contava com 6 bancas e que em cada uma delas havia de 4 a 5 pessoas trabalhando. Além disso, existiam muitas outras sapatarias: “*As sapatarias tradicional que era a do Zé Chagas, do Zé Chico, Zé Valadão, do Guerino... e tudo tinha sapateiro, menino aprendendo e vendia, porque não tinha lojas, assim, essas lojas de calçado, não existia tênis.*”⁵⁷

Um outro fator que influenciou diretamente no sucesso das sapatarias foi a moda. No início dos anos 1960, na época da juventude dos entrevistados, o Sr. Sebastião conta como os jovens se vestiam: “*os jovens, a praça da Matriz, as pessoas ia namorar, ia de terno. Sete horas da noite nós já tava de terno e gravata.*” Nesse período, todos andavam de terno, gravata, cabelo com o corte estilo americano e sapato engraxado, de acordo com o que foi dito na entrevista. Em meados dos anos 1960, surge no Brasil a Jovem Guarda, os anos rebeldes, que segundo o Sr. Sebastião foi a época em que os jovens fizeram a mudança no Brasil: “*aí veio o rock do Elvis Presley, todo mundo gostava de rock, foi modernizando, o iêiêiê, que é a turma da jovem guarda, e tinha os hippies...*”. Para além

⁵⁶ BORGES, João Batista. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 15 de fevereiro de 2023.

⁵⁷ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

da música, o cinema impactou fortemente a moda da época, como os filmes de James Dean que popularizou as chamadas japonas e o jeans.⁵⁸

Ainda nessa época, mesmo depois de tantas mudanças, as sapatarias representavam o mercado de calçados, só que agora, com algumas alterações nos estilos dos sapatos. A partir da metade dos anos 1960, entra em cena os famosos sapatos de plataforma, comumente acompanhados das calças boca-de-sino. Apesar dessa ampliação do mercado da moda e conseqüentemente dos sapatos, usar um calçado era um indicativo da classe social e da ocupação das pessoas. Os entrevistados foram questionados se os sapatos eram muito caros ou se eram acessíveis a todos. O Sr. João disse que é relativo, mas que acredita que não era caro. Já o Sr. Sebastião disse que acredita que era relativamente caro comprar sapatos. Ele relata que muitos fazendeiros iam até as sapatarias com suas esposas e filhos e mandavam tirar as medidas e fazer sapatos, botas, botinas e botinhas para todos. Os mais pobres tinham opções mais baratas de calçados, como as botinas de pelica, mas além disso, segundo o Sr. Sebastião, muitos ainda andavam descalços.

A influência da música e do cinema na moda, a falta de lojas de departamento, assim como as mudanças que ocorriam na região, como a construção da Hidrelétrica de Furnas, fizeram com que as sapatarias ganhassem um certo lugar de destaque no mercado da época. Além disso, como já citado anteriormente, o município de Passos exercia certo protagonismo na região, fazendo com que os trabalhadores e moradores das cidades vizinhas procurassem as sapatarias de Passos para fazer ou consertar os seus calçados. Mas apesar de todo esse movimento e do sucesso de vendas, os sapateiros recebiam apenas o necessário para a sobrevivência.

Mas, apesar de todo esse sucesso, por que as sapatarias de Passos não evoluíram para uma indústria calçadista como ocorreu em Franca, cidade vizinha e que tem um processo de desenvolvimento econômico semelhante ao da cidade e que hoje é o segundo maior polo produtor de calçados no Brasil? Apresentaremos aqui algumas hipóteses que podem explicar o que diferencia esses dois municípios no que diz respeito ao seu desenvolvimento industrial.

⁵⁸ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

Durante a segunda metade do século XIX, ao mesmo tempo em que Passos aparecia como hegemônica em Minas Gerais na experiência de um mercado original da pecuária bovina, a invernada, Franca é quem exerce essa hegemonia no lado paulista, possuindo as mesmas características de produção e de condições materiais. No entanto, para os autores que escrevem sobre o Município de Franca e sobre o desenvolvimento da indústria calçadista no local, Vinícius Donizete de Rezende, conversando com Pedro Tosi, acredita que a tradição agropecuária e de manufatura dos seus derivados não seja suficiente para explicar o sucesso da indústria calçadista na cidade. De acordo com os autores, o desenvolvimento das ferrovias, que impulsionaram principalmente o setor cafeeiro na região, é o que possibilita a elaboração e expansão de todos os setores da indústria de Franca. Para ele “a inserção de Franca no complexo cafeeiro fez com que se generalizassem as relações de caráter capitalista.”⁵⁹ Com isso, apesar do setor cafeeiro ainda ser o carro chefe da economia, no início dos anos 1930, a indústria curtumeira se constituía como a principal atividade industrial. Sendo assim, se aproveitando da compra direta e local de couros, diminuindo os custos da intermediação, e do surgimento de indústrias que forneciam outros tipos de insumos necessários na fabricação de calçados, a indústria calçadista de Franca vai se beneficiando dessas relações e se tornando cada vez mais competitiva no cenário nacional.

Como exposto acima, é evidente a influência do capital gerado no setor do café no desenvolvimento industrial do município. Ele gerou as transformações econômicas que tornam possíveis o posterior desenvolvimento dessa indústria. Na cidade de Passos, não foi possível verificar o mesmo desenvolvimento, mesmo possuindo uma origem de comércio relacionado à agropecuária parecida. Isso pode ter se dado devido ao fato de que Passos se inseriu tardiamente no setor cafeeiro, se diferenciando até mesmo de outros municípios do Sul de Minas, que têm no café a sua principal atividade econômica. Através das estatísticas do senso de 1920 é possível comparar a diferença que Passos apresenta das cidades vizinhas, como é o caso de São Sebastião do Paraíso, em relação à produção de café:

Já São Sebastião do Paraíso, aparece em 15º entre os maiores produtores nacionais, com 133.997 sacas, possuindo 19.653 hectares plantados, 85% do total, com 14.739.633 pés distribuídos em 370

⁵⁹ REZENDE, Vinícius Donizete de. **Anônimas da história:** relações de trabalho e atuação política de sapateiras entre as décadas de 1950 e 1980 (Franca-SP). (Mestrado em História), UNESP, Franca, 2006. p. 31

estabelecimentos de 823. A população do município somou 37.537 pessoas, sendo 1.854 imigrantes.

A estação final do Ramal, a cidade de Passos, com 31.815 habitantes e 547 estrangeiros, possuía 1.109.900 de pés de café, produzindo 605 toneladas ou 10.080 sacas. Existia em Passos, segundo o Censo de 1920, animais 113.902, onde 69.811 eram bovinos, superior às outras cidades do ramal, tendo São Sebastião Paraíso 38.244 cabeças e Monte Santo 22.189 bois.⁶⁰

Ou seja, o Município de Passos se diferencia profundamente de Franca no que diz respeito ao desenvolvimento industrial, fazendo com que as cidades, mesmo que próximas e com tradições semelhantes em relação à produção agropecuária e manufatura dos seus derivados, como a produção dos sapatos e das sapatarias, tenham se distanciado completamente em suas atividades econômicas.

Apesar de tudo, mesmo não tendo um forte setor industrial calçadista, é inegável a influência que as sapatarias exerceram no cotidiano da cidade de Passos. É dentro desse contexto de contradições, de desigualdades e de possibilidades e, principalmente, de transformações sociais, que as sapatarias surgem como um espaço fértil para a criação e propagação de uma língua própria. É dentro desse espaço, que os sapateiros usam da linguagem, conversando apenas entre eles, brincando e zombando dos estrangeiros, das autoridades e de qualquer pessoa que chamasse atenção pelo motivo que fosse, para deixar seus clientes confusos, curiosos e ao mesmo tempo maravilhados por aquelas frases que não faziam o menor sentido aos seus ouvidos.

⁶⁰ LOPES, 2016, p. 9

CAPÍTULO 2 – LINGUAGEM, CULTURA E SOCIEDADE

“Língua, cultura e identidade são conceitos intrinsecamente ligados”.⁶¹ Pensando nessa frase discutida por Lidiane Pereira Coelho e Diana Pereira Coelho de Mesquita, buscaremos refletir acerca da mediação que a linguagem assume na cultura e no modo de vida de um povo, levando em conta que é através da língua que uma cultura se constitui e é propagada, ao mesmo tempo em que perpassa o processo de identificação dos indivíduos. Adotaremos aqui o sentido de linguagem como a capacidade de comunicação que o ser humano possui, considerando a pluralidade dos seres e principalmente das relações sociais. Com isso, nos interessa pensar o lugar da linguagem e da palavra como instrumento de expressão e de interação que tem como característica a mediação das relações e que possibilita a inscrição dos indivíduos em determinado lugar social.

O lugar social que ocupamos é sempre marcado pela diferença, e nesse caso, pela diferença linguística. Por possibilitar a afirmação de uma identidade, a linguagem é uma ferramenta da sociedade, e é pelo exercício dela, que os homens constroem suas redes de relações. Partindo disso, pensaremos as variações linguísticas levando em conta o contexto em que se inserem, abarcando os aspectos sociais que identificam os indivíduos ou os grupos que fazem o uso de determinada linguagem. As variações linguísticas podem se dar a partir de diferentes características que o emissor e receptor de uma mensagem possuem, podendo ser elas a faixa etária, a classe social, a profissão, a região de moradia, entre outras. No Brasil por exemplo, é muito comum identificar uma pessoa pela região a qual pertence, e as características da fala daquela pessoa podem a classificar, de maneira preconceituosa, a um determinado lugar social. Ou seja, a variação linguística é marcada pela divisão social que existe na sociedade, seja ela em grupos ou em classes.

Essa divisão social possibilita a criação das redes sociais, que podem ser caracterizadas pelas famílias, bairros, grupos de trabalhadores, grupos escolares, entre outros. Essas redes sociais são pensadas através dos laços em que os seus indivíduos estabelecem entre si e com os seus grupos. Quando os mesmos indivíduos compartilham mais de um tipo de relação, podendo ser de amizade e de trabalho, ou de localidade e de trabalho, isso constitui um laço mais forte, ou então, uma rede social mais densa, e é

⁶¹ COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: Conceitos intrínsecos e interdependentes. *ENTRELETRAS*, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 – online)

dentro dessas redes sociais que se estabelecem as redes de comunicação, que também podem ser mais densas ou mais fracas. Para exemplificar melhor, Louis-Jean Calvet utiliza a experiência da linguista britânica Lesley Milroy na cidade de Belfast que, estudando as redes de comunicação que havia lá, consegue perceber como a classe operária tem uma rede de comunicação densa por frequentarem e interagirem no mesmo espaço de lazer, mesmo ambiente de trabalho e mesma vizinhança. A autora então considera que é essa coesão das redes sociais e de comunicação que permite que a classe operária “assegure a coesão de um socioleto”.⁶²

No entanto, nos interessa aqui ir para além das características linguísticas ou sociolinguísticas que essa linguagem possui e por isso quando utilizarmos o termo “língua” para nos referirmos a linguagem utilizadas pelos sapateiros, estaremos pensando nele enquanto uma palavra carregada de significados sociais e históricos e não em sua significação literal ou habitual.

É importante aqui pensar como os indivíduos, os sapateiros, atuam como sujeitos ativos e criativos nesse campo de criação e de difusão de uma cultura específica, como é o caso da linguagem. Para Roger Chartier, é imperativo pensar que existe uma imposição de um modelo cultural dominante, mas que, ao mesmo tempo, é dentro desse espaço que a cultura popular se estabelece. É dentro do terreno que existe entre a “norma e o vivido” que a cultura popular tem a possibilidade de deturpar a ordem, e é a partir daí que os grupos se utilizam de diferentes recursos para poder se afirmar. Partindo dessa discussão, o autor classifica a cultura popular a partir da relação que ela estabelece com os conjuntos culturais, levando em conta o modo como os indivíduos e grupos se apropriam e manipulam os seus objetos e as suas normas. Essa apropriação se caracteriza por novas formas de uso e de interpretações feitas por determinados grupos na busca de produzir um sentido que lhe caiba.⁶³

Para pensar esse terreno em que a cultura popular atua, é necessário compreender esses indivíduos do popular, que passam pelo não-lugar, pela invisibilidade e passividade, como sujeitos ativos, autônomos e conscientes que se aproveitam das brechas para resistirem aos processos de dominação, a partir de práticas que auxiliem na apropriação

⁶² CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

⁶³ CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 08, no. 16, p. 179-192, 1995. p. 184

de um universo de significações, dando novos sentidos a elas. Michel de Certeau diferencia essas práticas entre *estratégias*, que supõem a existência de um lugar próprio, de uma instituição, que produz e impõem suas normas, objetos e modelos, e entre *táticas*, que supõem a não existência de um lugar próprio, um não-lugar institucional, e são caracterizadas pelos seus “modos de fazer” ou “fazer com”. “Em suma, a tática é a arte do fraco.” Essa tática, que opera a partir dessa ausência de um lugar próprio, é determinada pela “ausência de poder”, e é por isso que se utilizam da *astúcia*, as vezes como “último recurso” para adentrar os espaços, as falhas, aproveitando as ocasiões que surgem, a fim de “estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas”.⁶⁴

Partindo dessas discussões de Certeau acerca das táticas dos “fracos” e dos seus “modos de fazer”, esta pesquisa utiliza também os estudos acerca da linguagem e dos seus usos. Um dos “modos de fazer” que ele trata dentro deste tema é o ato de falar. A partir do que considera Certeau, é importante salientar que a fala opera dentro de um sistema linguístico, com normas e regras, mas que, a sua finalidade não reside em demonstrar um conhecimento da língua, mas sim, se apropriar dela, estabelecendo uma relação entre o momento e o lugar de onde opera com o interlocutor. Ainda dentro do campo da retórica, Michel de Certeau fala sobre a “arte de conversar”, considerando que ela seja uma prática de transformações e manipulações de “lugares comuns”, em que os locutores estabelecem uma relação de criadores de “produções verbais”, criando assim um “tecido oral” que constitui a comunicação, a arte de conversar.⁶⁵

Ao contrário do que se costuma pensar, a prática linguística das maneiras de falar, constituem uma gama de “complexidades lógicas” que são construídas a partir das experiências históricas que se estabelecem “no falar de todos os dias”. É dentro desse terreno de uma rede complexa de ressignificações que reside a resistência do fraco, daquele que não tem um lugar próprio. O que pode ser visto como trapaçaria, é na verdade uma maneira de se utilizar um sistema imposto, no caso o da língua, com astúcia, de modo a burlar e transgredir “os termos dos contratos sociais”. Reside aí, uma “arte dos golpes” que classificam as táticas utilizadas a fim de “alterar as regras de espaço opressor”. As práticas cotidianas da retórica podem ser definidas como uma manipulação interna ao sistema linguístico. Esta arte de fazer manipula a linguagem imposta pela “elite”, seus

⁶⁴ CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 100, 101

⁶⁵ Ibid., p. 40-50

conhecimentos e seus símbolos, para fins próprios, mudando assim, “a ordem efetiva das coisas”.⁶⁶

Derivando de uma distinção que Saussure faz entre “língua (um sistema) e a palavra (um ato)”, Certeau considera a necessidade de se pensar a linguagem, o falar, em seu “uso por si mesmo”. O autor leva em conta o ato da palavra a partir dos seus “contextos de uso”, pensando que o que é enunciado só pode ser compreendido a partir disso. A tática de apropriação da língua parte de circunstâncias particulares em que se insere dentro de uma “rede relacional” que se situa no tempo, no instante. Esse fazer, o “produzir língua” dentro desse “nó de circunstâncias” estabelecido a partir do contexto é a tática “popular” utilizada para modificar a dinâmica das relações, aproveitando os espaços e ocasiões que surgem para seu benefício próprio:

Esses elementos (realizar, apropriar-se, inserir-se numa rede relacional, situar-se no tempo) fazem do enunciado, e secundariamente do uso, um nó de circunstâncias, uma nodosidade inseparável do “contexto”, do qual abstratamente se distingue. Indissociável do *instante* presente, de circunstâncias *particulares* e de um *fazer* (produzir língua e modificar a dinâmica de uma relação), o ato de falar é um uso da língua e uma operação *sobre* ela.⁶⁷

Partindo do que foi fundamentado até aqui, é que pensamos o contexto de produção da língua de sapateiro no município de Passos (MG). A linguagem criada e utilizada pelos sapateiros na cidade de Passos revela uma rede de relações complexas entre os seus locutores e o espaço em que estavam inseridos. De acordo a pesquisa realizada, os sapateiros da cidade, criaram uma série de códigos que ressignificam as palavras, como por exemplo: “Eurico” significando “eu”; “Gustavo” como “gosto”; “montanha” como “muito”; “cebola” como “você”, tendo assim a frase: “Eurico Gustavo de montanha de cebola”, que significa “eu gosto muito de você”.

Partindo desse exemplo, é possível perceber como um grupo é capaz de se apropriar da linguagem, das palavras, para dar um novo sentido. Os sapateiros da cidade de Passos, utilizando seu próprio código linguístico, subvertiam a ordem dentro daquele espaço em que sua linguagem era empregada. Esse código lhes permitia conversar entre si dentro das sapatarias sem que os clientes entendessem o que estava sendo falado, sendo esse o principal motivo para o seu uso.

⁶⁶ CERTEAU, 2008, p. 72-86

⁶⁷ Ibid., p. 96-97

Mesmo considerando que se trata de uma situação bem particular, é possível compreender, a partir do que expõe Raymond Willians, que a complexidade da língua e da linguagem não reside na palavra em si, mas nas variações que são feitas a partir delas. Essas variações estabelecem um jogo de forças entre a cultura letrada e a dita “popular”. No caso da linguagem dos sapateiros, de acordo com o que dizem os próprios, ela era utilizada, para além de outras coisas, no sentido de diminuir a “autoridade” de quem frequentava aquele espaço, levando em conta que os clientes da época, principalmente entre os anos de 1940 e 1960, eram pessoas que detinham certo poder aquisitivo e prestígio social.⁶⁸ É a partir dessas considerações que, neste capítulo, pensaremos a “criação” e a estrutura da linguagem utilizada pelos sapateiros; qual era a sua função em meados dos anos 1940 e 1960; como a linguagem e o seu uso foi se modificando com o tempo e com isso as suas relações com o meio; como ela é utilizada nos dias de hoje e, por fim, discutiremos a memória como um importante meio de transmissão de saberes e de preservação de uma tradição.

2.1 A Língua de Sapateiro

O Sr. Sebastião Wenceslau Borges, que foi entrevistado para esta pesquisa, de 76 anos, aposentado, trabalhou 57 anos como sapateiro na cidade de Passos, desde o ano de 1958. Iniciou a atividade aos 11 anos de idade na sapataria localizada no centro da cidade de propriedade do Sr. Vicente Pereira Reis, o senhor que lhe ensinou o ofício. Quando criança, estudava na parte da manhã e, ao sair da escola, almoçava e depois pegava uma cesta cheia de quitandas da padaria e saía vendendo pelo bairro. O senhor Sebastião, que se aposentou há 10 anos, conta que sempre teve o costume, desde quando ficava atrás do balcão da sapataria, de escrever e guardar aquelas histórias que ouvia e achava interessante. Ele escreveu para o Jornal Folha de Manhã de Passos por mais de 20 anos, tem dois livros publicados e está desenvolvendo mais um. O senhor Sebastião é um memorialista da cidade, e possui um vasto acervo de livros, reportagens e imagens que contam a história de Passos. Ele, que escreve principalmente a partir das suas experiências, fala muito sobre a importância de conhecer o passado e de se preservar a memória da cidade.

⁶⁸ WILLIANS, Raymond. **Introdução; Cultura.** In.: Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução: Sandra Guardini Basconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 122-123

Um outro entrevistado para esta pesquisa foi o Sr. João Batista Borges, de 79 anos, irmão mais velho do Sr. Sebastião, que entrou no mesmo ano, em 1958, na sapataria do Sr. Vicente Pereira Reis, aos 16 anos de idade. O Sr. João, antes de se tornar um oficial nesta sapataria, já havia trabalhado como aprendiz em uma sapataria menor que ficava no bairro em que morava, a Penha. Ele trabalha a mais de 60 anos como sapateiro, e mesmo tendo se aposentado no ano 2000, nunca largou o ofício. Hoje em dia, ele é proprietário da Sapataria Nossa Senhora da Penha, que completou 100 anos em 2020. O Sr. João conta que, depois de uma pesquisa feita pelo seu irmão, descobriram que o primeiro proprietário dessa sapataria havia sido o Sr. Clemente, que depois passou por Zé Baiano, França e Vicente. A Sapataria Nossa Senhora da Penha é a mesmo em que Sr. João e seu irmão começaram a trabalhar, que foi vendida para ele e dois sócios, Notinho e Zé Antônio, pelo Sr. Vicente. Em 1974, Notinho saiu da sociedade e entrou em seu lugar Manoel, e é a partir daí que a sapataria ganha o nome que carrega até os dias de hoje. Alguns anos mais tarde, Zé Antônio sai da sociedade e entra o Sr. Sebastião, que passa a tomar conta de uma filial da sapataria Nossa Senhora da Penha, também localizada no centro da cidade. O Sr. João hoje toma conta da sapataria com o seu sócio Toninho.

Buscando compreender o uso da língua de sapateiro fora das sapatarias entrevistamos também Ézio Gonçalves da Silva, pessoa que talvez tenha dado o *insight* que possibilitou a realização dessa pesquisa. Ézio, nascido em 1969, é um supervisor de vendas em uma empresa de tintas na cidade de Passos. Tendo nascido e sido criado no bairro São Francisco, passou sua infância com os amigos do bairro jogando bola, caçando passarinho, nadando na enxurrada e tudo mais que um menino naquela época tinha direito. Aos 8 anos era engraxate, juntamente com dois primos, na rodoviária da cidade que ficava na Praça do Rosário. Teve uma infância simples no bairro que, de acordo com ele, não tinha asfalto, poucas casas e muitas delas não tinham nem energia elétrica. O bairro fazia divisa com as fazendas, tendo ao lado muitos pastos e plantações: *“Principalmente onde eu morava, minha casa era quase no final da rua e já começava uma Fazenda [...] brincava lá que era a porteira né, “onde você mora?” “moro na porteira” porque na divisa da Porteira já era a roça.”*⁶⁹

⁶⁹ SILVA, Ézio Gonçalves da. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 07 de fevereiro de 2023.

Em 1958 Sr. João e Sr. Sebastião começam a trabalhar na sapataria do Sr. Vicente Pereira Reis. O primeiro tinha entre 16 e 17 anos e o segundo entre 11 e 12 anos. Ambos relatam que quando chegaram lá, a língua já era falada com fluência pelos sapateiros e por isso não conseguem dizer ao certo quem a inventou ou quando foi inventada. Acreditamos que, o que possibilitou a criação dessa linguagem foi o próprio contexto de transformação social que a cidade vivia na época. Como nos referimos anteriormente, os anos de 1940, que é a época que os entrevistados acreditam que tenha se dado o início da língua, foi marcado pelo crescimento da população do município e pelo desenvolvimento de um mercado de abastecimento regional.

É importante considerar que nessa época, as sapatarias possuíam características diferentes das quais se encontram hoje. Nos bairros existiam algumas de menor porte que tinham como atividade principal os concertos e pequenas reformas, mas no centro, as principais características eram o espaço amplo, o grande número de funcionários e a produção que se assemelhava a de uma pequena fábrica, que trabalhava a peça desde a sua matéria prima, o couro, até o produto final, o sapato. Os anos de 1950 também foram de grandes transformações com o desenvolvimento da indústria a partir da construção da Hidrelétrica de Furnas que modificou o cenário da cidade a partir da chegada de novas e diferentes pessoas. Até o final dos anos 1960 ainda não havia lojas de calçados, sendo assim as sapatarias eram o único lugar em que se podia fazer a compra desses artigos. É esse contexto de transformações e as características do mercado e fabricação de sapatos entre os anos de 1940 e 1950 que consideramos ter possibilitado o fortalecimento de um grupo de trabalho e conseqüentemente a criação de uma linguagem própria e exclusiva.

É dentro do espaço das sapatarias que surge a língua, sendo criada de forma espontânea e bem-humorada e levava em conta o contexto em que se dava a conversa e a situação. O socioleto criado pelos sapateiros é um código linguístico que se baseia na própria língua portuguesa, falada e escrita, que faz um jogo com as palavras e os significados que querem ser empregados em determinado momento. No artigo *Interlíngua e códigos languageiros da língua dos sapateiros de Passos*, os autores consideram que o conceito mais adequado para definir a “Língua de Sapateiro” aqui pesquisada seria o de “socioleto”. Os autores definem socioleto, ou dialeto social, como um “uso linguístico próprio de uma classe social ou categoria social específica” ou então como uma “variedade de um grupo de falantes com as mesmas características

socioculturais”⁷⁰, como já foi possível atestar a partir dos capítulos anteriores que é o caso dos sapateiros da cidade de Passos.

Podemos considerar algumas formas de se “criar” uma nova palavra em língua de sapateiro. A língua era inventada e falada de forma improvisada e muitas vezes eles pegavam a primeira letra ou primeira sílaba da palavra para substituir por outra semelhante assumindo um novo significado, como por exemplo a palavra *dinheiro* que era substituída por *dinamite* ou *ditadura*. As palavras também podiam fazer referência à sonoridade do que se pretendia dizer, como por exemplo a palavra *você*, que comumente é substituída por *cê* no momento da fala, e por isso o código em língua de sapateiro para o termo é a palavra *cebola*.

Ou seja, no improvisado e de acordo com o contexto da situação, os sapateiros criavam frases e tinham conversas que ao ouvido alheio eram estranhas. O Sr. Sebastião recorda de uma história que pode exemplificar bem um pouco da estrutura da língua:

[...] aqui em Passos tinha um juiz velho, que gostava muito de contar piada, nem sei se ele era desonesto ou não, aí ele chegava lá, eu lembro de uma frase de eles falar “juriti tenente rabanete presunto dinamite de montanha”. Olha pra você ver, você não vai saber o que que é. Juiz é juriti, tenente tem, rabanete rabo, presunto preso, de montanha demais. Juiz tinha rabo preso por dinheiro na cidade.⁷¹

Uma outra situação exemplifica como o contexto influenciava na criação dos códigos, como por exemplo uma única pessoa se tornar referência para toda uma classe de profissionais, como conta o Sr. Sebastião:

Soldado era... tinha o Mário bigodudo, ... aí quando era um soldado que chegava lá, mesmo que não era esse, era o Mário bigodudo, mas aí não falava o nome não, falava marimbondo. Olha pra você ver, marimbondo, mesmo não sendo o Mário sabia que era soldado.⁷²

Isso demonstra mais um tipo de criação de código que não diz respeito nem ao início da palavra e nem mesmo à sonoridade dela. Para os ouvintes da língua, que não conheciam o seu contexto, nada na palavra *marimbondo* remete à palavra *soldado*, mas para aqueles sapateiros bastava uma palavra que os remetia ao tal “Mário bigodudo” que

⁷⁰ PONSONI, Samuel; LOUREIRO, André Terra Oliveira; GARBINI, Raquel Tavares. Interlíngua e códigos linguageiros da língua dos sapateiros de Passos (Interlingua and language codes of the cobblers of Passos). *Estudos da Língua (gem)*, v. 19, n. 2, p. 139-149, 2021.

⁷¹ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

⁷² Ibid.

já a usavam como referência para falar sobre diferentes pessoas que tinham a mesma profissão que a dele.

Para além do contexto local, dos moradores da cidade e frequentadores das sapatarias, a cultura nacional e internacional influenciava diretamente na escolha das palavras pelos sapateiros. Um dos exemplos conhecidos por alguns moradores de Passos se relacionava com o carro da polícia, que era chamado na época de *Rádio Patrulha* e o seu código na língua de sapateiro era *Rita Pavone*, uma famosa cantora e atriz italiana que fez muito sucesso também no Brasil. O cinema, muito frequentado na época como já citamos anteriormente, teve um papel importante nas referências desse período, assim como a música. Ou seja, as referências culturais sempre aparecem na língua e vão mudando de acordo com o momento em que se é vivido. O Sr. Sebastião comenta:

*[...]chegava uma pessoa que na cidade tinha fama assim de roubar, de ladrão, na época, no cinema, tinha um galã que chamava Robert Taylor, aí chegava essa pessoa e o cara “e o filme ein Robert Taylor” a gente sabia que ele era ladrão[...]Já depois mudou. Aí veio a jovem guarda, “e o Roberto Carlos ein? Ta tendo filme do Roberto Carlos”.*⁷³

Partindo dos exemplos acima podemos pensar sobre o uso da língua de sapateiro e sobre as suas funções. Os entrevistados foram perguntados sobre isso, sobre qual teria sido o motivo pelo qual os sapateiros inventaram uma linguagem própria. O Sr. João responde que a língua foi inventada para que se pudesse falar na frente das pessoas algo sobre elas e que elas não entendessem o que era falado, mas ele diz que era usada mais no sentido da zombaria. O Sr. Sebastião considera que ela foi inventada como forma de brincadeira, tanto para brincar entre eles como para brincar com quem chegava naquele ambiente. Ele conta inclusive que os sapateiros diziam que haviam inventado a língua como brincadeira mesmo.

Mas além da zombaria, a língua poderia ser usada para outras coisas. O Sr. Sebastião comenta que havia uma palavra que era chave na língua de sapateiro: *Andorinha*. Andorinha significava mulher e é de se imaginar que um ambiente que podia chegar a ter mais de 20 homens trabalhando e que já tinham essa fama de brincalhões estavam sempre utilizando a linguagem para se referirem às mulheres que passavam. Os comentários eram variados, mas em sua maioria se referiam à aparência das moças. O Sr.

⁷³ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

Sebastião conta sobre quando as mulheres começaram a usar calças compridas e relata sobre uma mulher em específico que os sapateiros ficavam de olho:

Em 59 que começou o uso de calça comprida pra mulher e tinha uma turca muito bonita que ela subia pra trabalhar em uma loja... e a turma ficava de olho “oh quem ver ela primeiro, dá o aviso”, aí o primeiro falava assim “Januária espingarda truqueio Bonifácio” Januária é olha na janela, espia a turca bonita. Aí tinha uns também que falava umas bobagem, umas besteiras, aí falava “tenente rabanete granito” por causa que a calça mostrava, as coisa tudo né. “Tanajura da Helena [...] granito de maisena” é grande demais, e essas conversas.⁷⁴

O entrevistado não traduz todas as palavras, mas levando em conta o que já sabemos em relação à estrutura da língua e da formação dos códigos é possível compreender o que estavam querendo dizer, principalmente tendo em vista o machismo estrutural que permeia as relações no Brasil. O Sr. João também fala sobre o uso da palavra *Andorinha* que era utilizada para chamar a atenção dos outros sapateiros para a mulher que estava entrando na loja ou passando em frente. Quando não era uma *Minerva Bonifácio* (moça bonita) era chamada de *Fernet* (feia). Contudo, essas “brincadeiras” não passavam despercebidas de acordo com o Sr. Sebastião: “O povo até falava assim: ‘cuidado com os sapateiros’, as mulher tinha medo, ‘eles gosta de brincar demais, de falar’.”⁷⁵

Há ainda uma outra função da língua de sapateiro. O Sr. Sebastião comenta que usavam a língua principalmente para brincar com as autoridades, como é o caso do juiz que tinha o rabo preso por dinheiro na cidade, como foi contado mais acima. Ele relata também sobre um bispo, uma outra figura de autoridade da cidade, que ia sempre à sapataria para engraxar os sapatos e que o Sr. Vicente, seu patrão, que era muito sério, pedia que os sapateiros não brincassem com o bispo, mas que seu pedido não era atendido. Pensando no que discutimos anteriormente acerca do uso da linguagem pelas culturas populares, é possível identificar como os sapateiros usavam dos códigos no sentido de diminuir a autoridade dos homens considerados de importância dentro daquele espaço. Essa astúcia para transgredir à ordem através da manipulação da língua é uma tática, de acordo com o que conceitua Certeau, que possibilita que o sapateiro, esse ser subalternizado pelas regras do espaço opressor estabelecidas pelas elites, transgrida os

⁷⁴ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

⁷⁵ Ibid.

termos dos contratos sociais para fins próprios, subvertendo a ordem daquele espaço em que a linguagem era empregada e tomando para si o protagonismo e controle da situação.

2.2 O Fim da Língua?

Os sapateiros entrevistados foram questionados acerca de qual teria sido o fim da língua, se acabou, quando acabou, quando pararam de falar e por quê. O Sr. João relata que a língua já não é falada há muitos anos e que ela foi morrendo, parando aos poucos, “*Foi natural*”. O Sr. Sebastião disse que o fim dela foi lá pelos anos 1960 e que nos anos 1970 ela já não era mais falada dentro das sapatarias:

Olha, ela não foi falada muito, não. Nos anos 70, quando eu já tava pra casar, já não falava ela mais, não. Já falava assim fora da sapataria algumas pessoas, mas até essas pessoas também largaram de falar, aí não vê mais. Mas na sapataria, forte mesmo, foi até quando eu era rapazinho só mesmo.⁷⁶

Ele ainda diz que nesse período muitos sapateiros mais velhos que sabiam a língua já haviam morrido e que nessa época já não se podia mais ensinar às crianças o ofício, e por isso foram parando de falar. Apesar de considerarem que a língua tenha chegado ao seu fim, o Sr. Sebastião apresenta um aspecto que contradiz a sua própria fala, afinal, ele confirma que ela saiu da sapataria, alcançando outros espaços e funções. Em um outro momento da entrevista ele também reforça essa ideia, dizendo que a língua havia saído um pouco da sapataria, na época do “rela”, um costume que os jovens da cidade tinham em que os rapazes ficavam dando voltas em um sentido da Praça da Matriz enquanto as moças caminhavam em outro sentido e quando havia um interesse, “relavam”, ou seja, encostavam um no outro. Era dessa forma que aconteciam os flertes entre os jovens na época e, de acordo com o Sr. Sebastião, foi nesse período que a língua deixa de estar restrita ao espaço das sapatarias:

Agora nos anos 60, essa época do “rela”, tudo, aí essa língua saiu um pouco da sapataria. Mas saía assim, a pessoa falava assim “mucharica Bonifácio” moça bonita, “Eurico gostanbel de Helena” eu gosto dela, aí começou tudo. Mas não é aquele assunto comprido[...] agora essas palavras simplesinha muita gente sabe falar.⁷⁷

Os sapateiros entrevistados também foram questionados sobre como usam a linguagem nos dias de hoje. O Sr. João, depois de muita insistência admite que de vez em

⁷⁶ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

⁷⁷ Ibid.

quando ainda saem algumas palavras entre ele e Toninho dentro da sapataria, mas que ninguém se preocupa com isso mais, não se preocupam em saber sobre a língua. O Sr. Sebastião disse que muitas coisas ele foi esquecendo, pela falta de prática, por não ter com quem conversar, mas afirma que se tiver com alguém que saiba falar a língua vai saber conversar: “*aí o que ele falar pra gente, a gente joga pra ele.*”⁷⁸

Partindo do que foi dito até aqui, é possível atestar que a língua não “morreu” de fato nos anos 1960, e mais ainda, que ela continua viva, mesmo que não seja utilizada da mesma maneira que antigamente. Baseando-se nisso, discutiremos sobre como a linguagem e os seus usos foram sendo modificados na cidade de Passos, assim como as mudanças pelas quais o município e o contexto nacional passaram, impactando diretamente nos usos da Língua de Sapateiro.

No livro-reportagem *Linguíça de Sapateiro* feito por Thatianna e Oliveira, a autora realiza algumas entrevistas com cidadãos passenses conhecedores da língua. Clécio Freitas foi um de seus entrevistados, um empresário que durante a Ditadura Militar fez parte da União dos Estudantes Passenses (UEP) que, sendo contrários às prisões de professores considerados comunistas, como o professor passense Armando Righeto, se reuniam nas praças e nos clubes da cidade para organizarem o seu movimento. De acordo com o entrevistado, com o intuito de confundir e evitar a ação de infiltrados no movimento, durante as reuniões eles utilizavam a língua de sapateiro. Pelo seu caráter combativo à ditadura, a UEP foi extinta depois de algum tempo.⁷⁹

Ézio é um grande conhecedor e falante da língua de sapateiro. Ele foi perguntado sobre qual teria sido o seu primeiro contato com a língua:

Eu era do pré. Primeiro ano que eu fui para escola. Eu lembro direitinho. E, quando a gente subia da escola, aquela meninada tudo, ao invés da gente ir embora para casa, a gente era muito levado, né? Ficava a mãe trabalhando, então, você ficava meio, assim, meio solto mesmo, na rua. Aí, a gente parava lá na sapataria do Arcidinho, que é um cara folclore lá no São Francisco [...] aí a gente parava lá para escutar eles falarem a língua de Sapateiro e, assim, você num, a gente não sabia o que que eles falavam. Sempre que chegava uma pessoa diferente lá eles falavam, eles usavam muito a língua de sapateiro para

⁷⁸ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

⁷⁹ OLIVEIRA, 2014, p. 31

falar mal da pessoa, para falar bobagem pra pessoa, essas coisas. Então, a gente ficava só escutando aquilo ali.⁸⁰

De acordo com o entrevistado, nessa sapataria já em meados dos anos 1970 a língua ainda era amplamente falada e atraía muitos ouvidos, principalmente das crianças, que se interessavam muito por aquela linguagem estranha. Questionamos acerca do funcionamento dessa sapataria, quais as características dela, quem trabalhava lá e como se relacionavam entre eles e com os curiosos que apareciam:

[...] essa sapataria tinha o Arcidinho que era sapateiro, tinha o Olavo, né? que também trabalhava junto que eu lembro dele, depois nunca mais vi também, e o Penuja que eu te falei que o Penuja lá, que ele era muito novinho na época, já trabalhava de ajudante de sapateiro.[...] Era muito pequeno o espaço, assim, ele era deficiente físico, ele o Arcidinho, ele era deficiente físico que ele não andava, então, ele ficava só sentado e quando ele ia andar ele usava um banquinho para locomover. Ele não tinha cadeira de roda, não tinha nada, era desse jeito. Então, ele pedia muito favor para nós lá, ele [Arcidinho] ficava lá sapeando, mas ele pedia muito favor “oh vai comprar cigarro”, “vai comprar isso pra mim”. Aí, a gente ficava correndo ali para ele, em troca disso dava umas moedinha, sabe? então ficava sempre ali.⁸¹

Ézio nos conta que aqueles sapateiros falavam a língua de sapateiro com fluência, como se estivessem conversando o português normal e que, se você quisesse aprender, tinha que estar esperto e atento ao que era falado. Ele diz ainda que se pedissem aos sapateiros para que ensinassem, não o faziam, mas que, alguns diziam a palavra em código e logo em seguida o que ela significava, então, tinham que estar sempre atentos para captar os sinais e, sempre que entendiam ou aprendiam algo, passavam para os outros amigos os novos ensinamentos. Questionamos ao entrevistado qual seria a função da língua naquela época e ele diz que muita besteira era falada, que a língua era usada para que a pessoa que estava sendo alvo não percebesse o que estava sendo falado:

Pra falar, tipo assim oh, cliente enjoado que chegava, falar mal das pessoas, falar da mulher bonita e falava aquilo ali da mulher e pronto, era para isso mesmo. Você sentava lá eles, tipo assim ó, chegava uma pessoa diferente eles só falavam a língua de sapateiro, eles não falava o português, pra pessoa não entender, a pessoa ficava boiando mesmo. E assim olha, eles tinham um dialeto muito deles mesmo sabe, específico. Você juntar as palavras e descobrir o que que era, era muito difícil. Hoje não. Hoje você começa a falar, as pessoas já, tem muitas pessoas que já se liga na hora.⁸²

⁸⁰ SILVA, Ézio Gonçalves da. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 07 de fevereiro de 2023.

⁸¹ Ibid.

⁸² Ibid.

Pensando no que já foi dito até aqui, é possível perceber que a língua de sapateiro ainda estava bem reclusa ao espaço das sapatarias e que sua função e uso não se diferem muito daquilo que nos foi contado pelos outros entrevistados. O primeiro contato com a língua ainda era feito dentro das sapatarias, mas agora não mais apenas por sapateiros. Ézio nos conta que, como era engraxate, tinha contato com muitos sapateiros, afinal seus clientes, que trabalhavam na roça ou na usina por exemplo, pediam para que ele levasse seus sapatos para fazer algum tipo de concerto, como colocar solas, levar o sapato para tingir, entre outros. Para isso, para concertos mais simples, ele levava os sapatos ou para a sapataria do Arcidinho ou então para a do Sô Zico, um outro sapateiro do bairro São Francisco, mas, se o serviço era um pouco mais complicado, os sapatos eram levados para as sapatarias do centro, inclusive, a do Sr. Sebastião, como nos revela o entrevistado.

Contudo, um outro território aparece como fundamental na propagação da língua de sapateiro: o Bairro São Francisco. Durante as entrevistas, o bairro aparece quase como um personagem, um organismo vivo. Para Ézio, é lá que nasce a língua, que ele considera um patrimônio cultural da cidade. Nesse bairro, ela não está restrita às sapatarias:

[...] e é do São Francisco mesmo. Ia descendo a igreja, no foco ali onde era um campo de futebol ali, e a sapataria do Arcidinho, e não tinha nada. Tinha a sapataria do Arcidinho, o bar do Tutti e o bar do Zé do bar, chamava Zé do bar ali do lado ali que vendia picolé. Mais nada, só tinha isso ali aquele campo de futebol, aquele ermo ali, não tinha mais nada. E o pessoal concentrava ali naquele... era um comodozinho bem pequeno, aquele tanto sapato, couro jogado pro chão lá, aquela bagunça e o povo tudo ali. Ficava só de orelha em pé escutando. E dali começou.⁸³

Analisando o que diz o entrevistado, é a partir daí que a língua de sapateiro transborda o espaço das sapatarias, mas fica concentrada no espaço do bairro. Levando em conta também as outras entrevistas, é possível pensar acerca das redes sociais e de comunicação, tal como abordamos no início deste capítulo, que foram sendo estabelecidas nessa época. Os sapateiros que trabalhavam no centro da cidade, desde as décadas anteriores, viviam nas periferias, nos bairros. Provavelmente, muitos deles viviam no bairro São Francisco, inclusive, os que foram entrevistados para esse trabalho, Sr. Sebastião e Sr. João, moradores do bairro durante a infância. Com isso, é possível pensar que o bairro São Francisco possibilita uma densa rede social e de comunicação

⁸³ SILVA, Ézio Gonçalves da. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 07 de fevereiro de 2023.

entre os trabalhadores que tinham o mesmo ofício e que frequentavam os mesmos bares e faziam parte da mesma vizinhança.

Na entrevista, o uso da língua também na década de 1980 aparece indissociável do espaço do bairro. Ézio nos conta que nos anos de 1984, 1985 e 1986 trabalhou na Usina Açucareira Passos e que, nessa época, saía um caminhão da pracinha do bairro com 30 a 40 pessoas do São Francisco que iam trabalhar na usina, e que dentro daquele espaço, quando encontravam com desconhecidos, utilizavam muito a língua de sapateiro. A partir desse relato, é possível ver a língua sendo usada em um ambiente completamente diferente do que era costume na época em que foi “inventada” e sendo usada, mesmo que por um grupo de trabalhadores, por pessoas que nada tinham a ver com o ofício dos sapateiros.

O entrevistado também conta que a língua ainda é usada nos dias de hoje no bairro: *“Lá no São Francisco ainda tem sempre tem uma... você tá num bar tomando uma cerveja assim sempre sai uma frasezinha ou uma palavra só, entendeu?”* Vez ou outra, os amigos que são de lá se reúnem e não deixam de utilizar a língua, mesmo que com menor frequência:

*Agora hoje é mais tranquilo, mas mesmo assim, ainda quando junta, igual, lá na política domingo [eleição], que eu fui votar lá, eu voto no São Francisco até hoje, não mudo por nada. Aí eu vou lá, voto e depois vou para pracinha ali, aí na pracinha tá lotado de gente, aí sempre sai alguma coisa [...]*⁸⁴

Pelo que nos é contado, a memória da língua ainda é muito viva no bairro. O entrevistado narrou um fato muito interessante de quando comentou no grupo do Whatsapp do bairro, um *“grupo raiz nosso lá do São Francisco”* pelas palavras dele, que havia sido convidado para dar uma entrevista para essa pesquisa sobre a língua de sapateiro e que, muitos do grupo, começaram a se manifestar, falando de pessoas que ele poderia indicar e o incentivando a ajudar, falando que ele tinha que “fazer bem-feito”. Perguntei se eles haviam se comunicado no grupo em língua de sapateiro e ele comentou que sim: *“É, começaram a falar na língua de sapateiro, começaram a falar “eu aprendi isso aí lá no Arcidinho... isso aqui lá no bar do Tutti tal” o pessoal foi comentando sabe,*

⁸⁴ SILVA, Ézio Gonçalves da. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 07 de fevereiro de 2023.

na hora.” A memória da língua é viva e, de acordo com Ézio, mexe bastante com os seus falantes.⁸⁵

O entrevistado foi questionado sobre como e se usava a língua de sapateiro no seu dia a dia para além desses encontros esporádicos como já havia nos contado. Ele comentou que, na loja em que trabalha, há um outro funcionário que também é do bairro São Francisco, os dois sempre trocam algumas palavras ou frase na língua e que, a partir disso, os outros funcionários da loja, uns 3 ou 4 já “começam a querer falar umas palavrinhas” e com o tempo acabaram aprendendo de fato:

No dia a dia às vezes esporadicamente sai uma frase. Tipo assim, hoje tava lá trabalhando na loja e falei assim: “vou tomate uma Severina eugênio” [vou tomar uma cerveja hoje] aí o Claudinho já falou “opa, eurico também uma variedade de tomate”[eu também vou tomar várias] aí depois a gente começa a soltar umas coisinhas assim às vezes. Até hoje, entra uma pessoa lá, que você que você quer descer a lenha, aí já começa a falar: “hum, mas chateuabriend demais ein” [chato demais] aí já começa a falar e vai tocando o barco pra frente.⁸⁶

Os três entrevistados foram questionados sobre a transmissão do conhecimento que tinham sobre a língua. O Sr. Sebastião conta que não chegou a ensinar os filhos, mas que, se ele falar, provavelmente, os filhos vão conseguir entender alguma coisa. Ézio por outro lado comenta que o seu filho, Vinícius, entende bastante e sabe falar algumas palavras, mas que, como a língua exige a prática, seria difícil manter uma conversa mais longa. Ele comenta também que a sua esposa entende muita coisa e, inclusive, solta algumas palavras ou frases no dia a dia: “A Márcia, a gente tá lá assistindo televisão e ela chega assim: “é tomate um banespa né”, [tomar um banho] igual você falou, né? com a convivência as vezes sai umas pérolas.”⁸⁷

Contudo, a língua foi com ele por onde ele passou, assim como aconteceu com muitos outros falantes. Ézio conta como quando morou por 3 anos em Hortolândia, uma cidade próxima de Campinas no estado de São Paulo, e que no tempo que esteve por lá, falava a língua de sapateiro para os seus primos, que sempre buscavam anotar as palavras, frases e anotavam seus significados para poderem falar depois. Ele conta ainda do padrinho do seu filho Vinícius, que hoje mora na cidade de Praia Grande e que também

⁸⁵ SILVA, Ézio Gonçalves da. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 07 de fevereiro de 2023.

⁸⁶ Ibid.

⁸⁷ Ibid.

levou a língua por onde passou e que, inclusive, foi um grande incentivador para que Ézio ajudasse nessa pesquisa.

De acordo com o que relata Oliveira, em meados de 2010, após o expediente às quintas-feiras, alguns amigos, conhecidos e admiradores da língua de sapateiro se reuniam para tomar uma cerveja e conversar sobre a língua nos fundos da Sapataria Nossa Senhora da Penha. De acordo com o que diz a autora, que escreve em 2014, o encontro acontecia há 50 anos.⁸⁸ No entanto, não sabemos se o encontro continua acontecendo, pois nada nos foi relatado durante as entrevistas.

As narrativas orais, essa arte de contar as memórias, foram responsáveis por transmitir de geração em geração os saberes que envolvem a língua de sapateiro, marcando a história de muitas pessoas e, inclusive, de bairros inteiros, além é claro, de toda uma classe de trabalhadores. As narrativas aqui produzidas, foram capazes de nos fazer viajar no tempo a partir da riqueza de possibilidades presentes nas memórias dos nossos entrevistados, aparecendo como importantes instrumentos da transmissão das tradições e das heranças identitárias. Ézio disse a seguinte frase:

“São Francisco, melhor lugar que tem de morar, na época das antigas mesmo, era o São Francisco. Ali tinha de tudo que você imaginar. De tudo assim, não tinha nada, mas tinha tudo (risos). Você ficava ali você aprendia a jogar bola, cê aprendia a nadar, aprendia a nadar na marra, aprendia de qualquer jeito porque os mais velhos que fazia você nadar, fazia você jogar bola... então aí aquilo ali me fez ser a pessoa que eu sou hoje, sabe? Não estudei muito, era preguiçoso, não estudei, mas aprendi bastante coisa ali. Ixi! A escola ali do São Francisco foi muito boa.”⁸⁹

A partir dessa fala podemos pensar a memória como ponto fundamental para a construção das identidades coletivas que, de acordo com Lucila de Almeida Neves Delgado, “são esteios fundamentais do auto-reconhecimento do homem como sujeito de sua história.”⁹⁰

A importância de se manter viva a memória e a história da língua aparecem na fala de todos os entrevistados. Ézio ressaltou o sentido de se saber da existência da língua e de reconhecer o papel que ela representa na história cultural de Passos. O Sr. João já

⁸⁸ OLIVEIRA, 2014, p. 53

⁸⁹ SILVA, Ézio Gonçalves da. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 07 de fevereiro de 2023.

⁹⁰ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, v. 6, 2003, p. 14

nos fala acerca da importância de conhecer a história das sapatarias e conta com muito orgulho sobre uma pesquisa que o seu irmão fez e descobriu quem havia sido o primeiro dono da sapataria na qual hoje é dono e que completou 100 anos no ano de 2020, fazendo com que ganhassem mais um “diploma”, dentre tantos outros que já possuem.



Fotografia 06: Os diplomas da sapataria Nossa Senhora da Penha
Fonte: Acervo pessoal

De acordo com o Sr. Sebastião, que quando criança ficava atrás do balcão da sapataria e anotava tudo aquilo que lhe parecia interessante para guardar e não esquecer, ele escreve sobre o passado não por ser um saudosista, mas porque acredita na importância de se saber sobre o passado: *“É por isso que eu acho que tem que deixar escrito coisas do passado, nem todo mundo gosta, mas eu acho que é importante. A cidade vai ficando sem memória, sem o povo saber o que que aconteceu.”*⁹¹

O Sr. Sebastião no início da entrevista temia não estar mais com a memória tão boa e comenta que hesitou bastante em participar da pesquisa, e foi possível perceber que havia um certo receio em se falar sobre a língua, tanto nele quanto no Sr. João, mas ao final ele constatou que ficou até mesmo impressionado com a própria memória e que gostou de poder contribuir para a realização desse trabalho. Ele ainda comenta que existem muitas histórias da cidade de Passos que precisam e devem ser contadas e que já está na produção do seu próximo livro que fala sobre a cidade e a língua.

⁹¹ BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.

Apesar de tudo, utilizar fragmentos de narrativas e de memórias não nos permite reconstituir a totalidade do que foi ou do que é a língua de sapateiro, e nem é isso que pretendemos aqui. Nosso objetivo é de, a partir dos fragmentos, assimilar um pouco mais sobre esse passado e essas histórias. No livro-reportagem *Linguiça de Sapateiro*, Oliveira conta uma história muito curiosa e que nos faz refletir bastante. Ela comenta que um dia conheceu um casal que estudava medicina na Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto, e que, quando se deu conta, eles estavam conversando em língua de sapateiro. Ao questioná-los, eles disseram que haviam aprendido com algumas pessoas na faculdade. Em Ribeirão Preto, o dialeto utilizado, principalmente, pelos universitários homens, se chamava “Rui Barbês”. O casal conta para a autora que quando chegaram na universidade o dialeto já era falado, mas que o seu uso vinha sendo cada vez menor com o passar do tempo.

Oliveira conta também que um parente seu, viajando de ônibus, conheceu dois estudantes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e que, durante a viagem, começaram a falar em língua de sapateiro. Seu parente então resolveu perguntar se eles tinham alguma ligação com a cidade de Passos e onde tinham aprendido a língua. A resposta foi que os dois eram de Belo Horizonte, não conheciam a cidade de Passos e haviam aprendido a linguagem na universidade.

É fato que as duas referidas universidades e cidades recebem anualmente vários passenses, mas pensando a partir apenas desses fragmentos, não é possível atestar que a língua falada por eles era de fato a língua de sapateiro ou derivada dela. Ézio já comentou como ele e outras pessoas levaram a língua por onde passaram, mas não é possível saber ao certo se é esse o caso. A língua de sapateiro também já foi matéria de algumas reportagens e pode, inclusive, ter inspirado o aparecimento de outras “línguas”. Apesar disso, não podemos afirmar o que de fato são essas línguas surgidas em Ribeirão Preto e Belo Horizonte.

O objetivo desse trabalho, como já dito anteriormente, não é o de compreender a totalidade do que é e do que foi a língua de sapateiro, mas sim, o de investigar e buscar compreender, através dos fragmentos narrativos baseados nas memórias dos entrevistados, a importância da língua para a cidade de Passos e para os seus moradores, como se deu a sua criação, quais as suas funções para os diferentes tipos de falantes e como se dá o uso da linguagem nos dias de hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa, foi possível identificar qual era a função da língua de sapateiro entre os anos de 1940 e 1950, assim como investigar as permanência e descontinuidades do uso da língua ao longo do tempo e nos dias de hoje. Pudemos identificar os sujeitos que faziam o uso da linguagem na referida época, além de pensar o lugar da memória na constituição de identidades e o papel que a linguagem exerce no imaginário social dos passenses.

Partindo de uma análise qualitativa dos dados coletados a partir das entrevistas e utilizando uma gama diversificada de fontes e bibliografias, foi possível identificar e relacionar como o Município de Passos teve o seu desenvolvimento econômico baseado em uma economia rural agropecuária que, com o tempo, e devido às condições que a região apresentava, se tornou famosa e especializada no sistema de invernada, que consiste de maneira simplificada, na compra de boi magro que passa por um processo de engorda para ser vendido mais tarde. Esse tipo de produção, possibilitou o aparecimento da comercialização dos produtos que derivavam da agropecuária, como a carne seca, o couro e o sebo.

A região que compreende hoje o Município de Passos, em meados do século XIX conhecida como Sertões do Jacuhy, se destacava como importante entreposto comercial de abastecimento da coroa portuguesa instalada no Rio de Janeiro na época, fazendo com que tivesse seu desenvolvimento atrelado às atividades produtivas citadas anteriormente. No século XX na já, então, cidade, a forte influência da pecuária e o tipo de produção da época baseada na manufatura, em que não havia lojas que vendessem artigos de vestuário como, por exemplo, os sapatos, faz com que apareçam diversas sapatarias na cidade.

Nessa época, essas sapatarias tinham como característica o espaço amplo e que contava com uma grande quantidade de funcionários, operando como uma espécie de fabriqueta, que trabalhava o produto desde a matéria prima, o couro, até o produto final, o sapato. Para além disso, as décadas de 1940 a 1960, são um momento de muitas transformações culturais no Brasil, a moda, a música e o cinema sendo exemplos dessas transformações que impactam na vida dos passenses. A cidade vivenciava intensas transformações sociais, sendo reflexo dos novos investimentos na indústria brasileira, a

construção da Hidrelétrica de Furnas que, por exemplo, trouxe para a cidade novos moradores e novos frequentadores aos finais de semana.

A língua de sapateiro surge dentro do espaço das sapatarias e fez tanto sucesso devido ao momento que a cidade vivia, com a chegada de novos trabalhadores e turistas, estrangeiros e brasileiros, que eram novos na cidade e por isso eram alvos de comentários. A função principal do uso da língua de sapateiro, de acordo com o que dizem os entrevistados, é para falar, bem ou mal, da pessoa na frente dela sem que ela percebesse. A língua foi criada em um tom de brincadeira para zombar dos clientes, falar veladamente das mulheres e para falar das figuras consideradas importantes da cidade, como juízes, soldados e religiosos, diminuindo assim a sua autoridade naquele espaço. Os sapateiros trabalhavam no centro da cidade, mas viviam nos bairros, na periferia. Não ganhavam muito dinheiro, mas o que ganhavam dava para sustentar uma pequena família. Eram todos homens e as idades variavam, desde crianças, que começavam como aprendizes, até adultos e idosos, que, com o tempo, ganhavam *expertise* no trabalho e, quando dominavam todo processo, tornavam-se oficiais. Os sapateiros inventaram essa linguagem. Embora o seu início seja de data incerta, estima-se que tenha sido por volta dos anos 1940.

Contudo, com o passar dos anos, a língua de sapateiro não fica mais restrita a esse grupo e nem a esse local. Em meados dos anos de 1960, a linguagem passou a circular em outros grupos, tendo sido usada, inclusive, na tentativa de confundir e evitar infiltrados nos grupos de estudantes que lutavam contra a Ditadura Militar. Durante as entrevistas, um bairro específico da cidade aparece como cenário importante dessa história, o São Francisco. Um dos entrevistados, nascido e criado nesse bairro, conta como durante a sua infância ele e os amigos de lá, em meados dos anos 1970, passavam as tardes na porta de uma sapataria ouvindo a língua e tentando aprendê-la. De acordo com ele, lá no bairro, a língua já havia chegado também aos bares e às praças, e assim se dá até os dias de hoje. Ele conta ainda que nos anos 1980, que trabalhava na Usina Açucareira Passos com mais ou menos outras 30 pessoas do bairro São Francisco, só conversavam em língua de sapateiro perto de desconhecidos.

A partir do que foi pesquisado, foi possível perceber como a língua de sapateiro atua como uma parte muito importante do imaginário social, sendo constitutiva da identidade de um grupo de trabalhadores e de moradores de um bairro, que até hoje

quando se encontram, conversam e brincam, lembrando com saudosismo dos tempos que viveram juntos. Com isso, a memória e a recuperação dela aparecem como fator decisivo na constituição de uma identidade coletiva, ao mesmo tempo em que nos permite reconhecer aspectos do passado que não aparecem nos registros historiográficos.

Contudo, produzir os registros das narrativas orais para esta pesquisa se apresentou como um desafio. Os primeiros entrevistados foram definidos previamente. O Sr. Sebastião por ser um memorialista local e um grande conhecedor e transmissor de conhecimento acerca da língua de sapateiro, e Ézio, que foi fundamental para a realização dessa pesquisa, que também conhece e fala a língua de sapateiro. Os outros entrevistados seriam definidos a partir das indicações dos primeiros. Depois da entrevista do Sr. Sebastião, fomos até a sapataria do seu irmão, Sr. João, para pedir que nos concedesse uma entrevista, que depois de certa insistência aceitou. Durante a entrevista com Ézio, ele nos conta sobre alguns conhecidos que sabem bastante da língua e que verificaria com eles se aceitariam participar da pesquisa, entretanto, nenhum deles aceitou participar. O principal desafio desse trabalho foi esse, a resistência em se conceder entrevistas, muitos até mesmo pela timidez e outros talvez pelo medo de serem mal interpretados ou de não se sentirem confortáveis em participar de uma pesquisa acadêmica.

Apesar disso, esse desafio que se apresenta na pesquisa nos instiga ainda mais a pensar um possível desdobramento para este tema. Apesar de ter sido desafiador, acreditamos que a produção de uma História Oral foi a parte mais satisfatória desse trabalho, que possibilitou conhecer um pouco do cotidiano do Município e dos passenses. Além disso, um outro desafio que se apresenta na presente pesquisa é o da dificuldade de se encontrar materiais e bibliografia que falem sobre a história de Passos do início do século XX em diante. Pensando nisso, um caminho que pode ser trilhado a partir dessa pesquisa é a investigação e produção de uma História Social do Município de Passos através da História Oral, com o intuito de abarcar uma história ainda não contada pela historiografia existente sobre a cidade.

Ademais, pensando propriamente a questão da língua de sapateiro, essa pesquisa aponta para mais um caminho que o tema pode se desdobrar. Como citado anteriormente, a língua de sapateiro sai do espaço das sapatarias, mas quão longe ela vai? Partindo disso, é possível investigar a proporção que essa propagação da língua tomou, principalmente, se pensarmos em um contexto regional. Sabemos que uma língua semelhante ou talvez

até uma linguagem dissidente da língua de sapateiro surgiu nas cidades de Ribeirão Preto e Belo Horizonte, mas e as cidades vizinhas? Elas também foram apresentadas à língua ou essa estrutura de socioleto foi replicada em outros contextos, a partir de outras bases culturais?

Partindo ainda da questão da linguagem, um último caminho ainda pode ser pensado como desdobramento dessa pesquisa. Em Passos, o fenômeno dessa linguagem aparece ligado, primeiramente, a um grupo específico de trabalhadores, está ligada a um ofício. Dessa maneira, é possível pensar que haja por aí, algum outro grupo de trabalhadores, que trabalham com um mesmo ofício ou mesmo em um único espaço, como por exemplo de uma fábrica, que tenham criado uma linguagem própria para comunicar entre si. De qualquer maneira, a presente pesquisa não intende ser conclusiva, mas sim um pontapé inicial para refletir a História Social do Município de Passos e a constituição de uma memória coletiva construída através de aspectos como o da linguagem.

REFERÊNCIAS

Entrevistas

- BORGES, Sebastião Wenceslau. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 01 de fevereiro de 2023.
- BORGES, João Batista. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 15 de fevereiro de 2023.
- SILVA, Ézio Gonçalves da. Entrevista concedida a Paula Sousa da Fonseca. Passos, 07 de fevereiro de 2023.

Fontes

- BORGES, Sebastião Wenceslau. **Memoriando**. Passos: Edição do autor, 2003.
- NORONHA, Washington Álvaro de. **História da Cidade do Senhor Bom Jesus dos Passos**. Passos: Edição especial Municipal, 1969.
- NEGRÃO, Hélio Soares. **Registros I: 222 Passos no tempo (História e Memórias) 1764-1986**. Passos: Edição do Autor, 1994.
- Página 1. **A Gazeta de Passos**, Passos, 17 de fevereiro de 1952.
- Passos, a princesa do sudoeste. **Jornal Correio de Passos**, Passos, 26 de setembro de 1937.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa: UEPG, v. 10, Verão, p. 95-129, 2005.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 08, no. 16, p. 179-192, 1995.
- COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. Língua, cultura e identidade: Conceitos intrínsecos e interdependentes. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan./jul. 2013 (ISSN 2179-3948 – online)
- CORRÊA, Maria Letícia, PAULA, Dilma A. **Hidrelétricas e desenvolvimento no Brasil: a construção da usina de Furnas em perspectiva histórica (1956-1965)**. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL GLOBALIZACIÓN, INNOVACIÓN Y CONSTRUCCIÓN DE REDES TÉCNICAS URBANAS EM AMÉRICA LATINA Y EUROPA, 1890-1930. BRAZILIAN TRACTION, BARCELONA TRACTION Y OTROS CONGLOMERADOS FINANCIEROS Y TÉCNICOS**. Universidad de Barcelona, Facultad de Geografía e Historia, 23-26 de enero de 2012.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. **História local e seu devir historiográfico**. Métiis, Caxias do Sul: EDUSC, v. 1, 2002.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, v. 6, p. 9-25, 2003.

DONNER, Sandra Cristina. **História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, v. 11, p. 223-235, 2012.

FERREIRA, Livia. **Fotógrafa produz álbum com o resgate histórico de Passos**. 2022. Disponível em: <https://verboaria.com.br/fotografa-produz-album-com-o-resgate-historico-de-passos-em-imagens/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. **Cia. Mogiana de Estradas de Ferro (1921-1971) Fepasa (1971-1998)**. 2019. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/mmg/passos.htm>. Acesso em: 25 jan. 2023.

GRILO, Antonio Teodoro. **Tocaia no fórum: violência e modernidade**. 2009. Tese (Doutorado em História), UNESP, Franca, 2009.

GRILO, Antonio Teodoro. **Câmara de Passos: 150 anos**. Passos: Edição Comemorativa do Sesquicentenário, 1998.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Trad. Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992 (O Homem e a História).

LOPES, Leandro Aparecido. **Transporte ferroviário e economia no sudoeste de Minas Gerais: o café e a Cia. Mogiana de EF (1880-1930)**. In: HISTÓRIA EM TEMPOS DE CRISE. XX Encontro regional de História. Uberaba: ANPUH MG, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Guia prático de história oral: para empresas, comunidades, famílias**. São Paulo. Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Thatianna e. **Linguça de Sapateiro: um dialeto que marcou a história de Passos**. (Graduação em Comunicação Social), UNESP, São Paulo, 2014. Livro Digital. Disponível em: https://issuu.com/beatriz.spinelli/docs/linguica_de_sapateiro

PONSONI, Samuel; LOUREIRO, André Terra Oliveira; GARBINI, Raquel Tavares. Interlíngua e códigos linguageiros da língua dos sapateiros de Passos (Interlingua and language codes of the cobblers of Passos). **Estudos da Língua (gem)**, v. 19, n. 2, p. 139-149, 2021.

REZENDE, Vinícius Donizete de. **Anônimas da história: relações de trabalho e atuação política de sapateiras entre as décadas de 1950 e 1980 (Franca-SP)**. (Mestrado em História), UNESP, Franca, 2006.

RIBEIRO, Gisele Aparecida. **O vocabulário rural de Passos/Minas Gerais: um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy**. (Mestrado em linguística), UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Angélica Cristina Gomes et al. **A instituição da região:(in) definições do “Sertão da Farinha Podre, actual Triângulo Mineiro”**. (Mestrado em História Social), UFU, Uberlândia, 2020.

WILLIAMS, Raymond. **Introdução; Cultura.** In.: Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução: Sandra Guardini Basconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.